ISSN 2359-053x

ANO 5 - NÚMERO 50 - DEZEMBRO 2018

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

CHICO MENDES 30 ANOS

RESSOAM AS VOZES DA FLORESTA

p. 08

CONJUNTURA
Mais ou Menos Médicos?
p. 18

ECOTURISMO
Parque dos Falcões: santuário das aves de rapina
p. 30

MEIO AMBIENTE
Agrotóxicos: metais pesados em nossas águas
p. 36

Natmel
BELÁGUA
Comunidade Preazinho
O mel Natmel de abelhas nativas sem ferrão
passa por um processo natural de fermentação
meses, garantindo sua conservação e qualidade
roduzido pelas abelhas TIÚBA e URUÇU
ção de Moradores e Produtores Rurais
ho18 @hotmail.com • (98)
O trabalho feito em Belágua (MA)
pelo Movimento Solidário,
programa de responsabilidade
social da Fenae e das Apcefs,
está colhendo novos frutos.
Nesse caso, bem docinho e gostoso!
Trata-se da produção do Natmel,
de abelhas sem ferrão,
que já foi considerado um dos
melhores do mundo.
Doe e ajude diversas famílias
através da economia solidária.
Acesse:
fenae.org.br/movimentosolidario
FENAE
FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

> **No começo eu pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade.**
>
> Chico Mendes

COLABORADORES/COLABORADORAS DEZEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **Bia de Lima** – Professora. **Clarice Lispector** – Escritora (In Memoriam). **Carol Castro** – Jornalista. **Cláudia Costa Saenger** – Médica Veterinária. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Sader** – Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** – Advogado. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Leonardo Boff** – Teólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Pedro Tierra** – Poeta da Resistência. **Philip Martin Fearnside** – Ecólogo. **Solano Trindade** – Poeta. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk – Jornalista
2. Zezé Weiss – Jornalista
3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo
4. Ângela Mendes – Ambientalista
5. Antenor Pinheiro – Jornalista
6. Elson Martins – Jornalista
7. Emir Sader – Sociólogo
8. Graça Fleury – Educadora
9. Jacy Afonso – Sindicalista
10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista
11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora
12. Trajano Jardim – Jornalista

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. **E-mail:** contato@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Geovana Vilas Bôas (61) 9 9884 4810. **Edição:** Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. **Revisão:** Iêda Vilas Boas e Lúcia Resende. **Produção:** Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins. **Mídias Sociais:** Eduardo Pereira. **Logística:** Calleb Reis. **Tiragem:** 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Homem nascido e criado no meio da mata, na extração da borracha, Francisco Alves Mendes Filho foi muito mais do que uma liderança dos seringueiros nas suas questões mais emergentes.

Chico Mendes, como se tornou globalmente conhecido, levou ao mundo as vozes da floresta, com uma proposta concreta de desenvolvimento sustentável da Amazônia. Sua causa era de paz, mas ele foi assassinado com violência, há 30 anos.

Neste mês de dezembro, relembramos os 30 anos de sua morte. O chumbo cruel da devastação tirou a vida de um ser humano simples, um trabalhador humilde. Mas suas ideias e realizações seguem vivas, cada vez mais presentes. E ele é presença no rol dos grandes heróis brasileiros de todos os tempos.

É esse o tema de capa desta edição da revista Xapuri, que tem este nome justamente em homenagem à cidade em que ele viveu e morreu, no estado do Acre. Quem era Chico Mendes, sua terra, sua gente e a reforma agrária inovadora, que deu origem às reservas extrativistas.

Teremos ainda outras abordagens sobre o estágio atual de ocupação da Amazônia. O aumento da cobiça de grandes grupos econômicos estrangeiros sobre os recursos naturais é evidente, e há descaso de boa parte da população pela questão ambiental.

Mas, nessas páginas que começamos a folhear, como de costume, teremos muitos mais, do turismo à gastronomia, com a sugestão de um delicioso sorvete de romã nas festas de final de ano. Tudo com beleza plástica, objetividade e poesia.

Encontraremos, também, matéria sobre a Atmosfera, o ar que respiramos e que envolve a Terra. E, aqui no chão, os efeitos nocivos dos agrotóxicos sobre as águas de superfície – os venenos que causam severos danos ao ambiente e são letais aos seres vivos, inclusive nós, os humanos.

Vale a pena conferir.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Muito feliz pela publicação de minha matéria sobre seu Badia Medeiros na edição 49 da revista Xapuri. Ele merece! **Iêda Vilas-Bôas – Formosa – Goiás.**

Parabéns pela Xapuri 49 e obrigado pela matéria sobre o surgimento de nossa cidade, com fotos do Museu de Formosa. Agradeço também pela homenagem póstuma ao Badia Medeiros, nosso artista maior. Sigam em frente com esse importante trabalho, nesse veículo de informação que muito nos ajuda na construção do saber! ***Leônidas Pires****, também conhecido como* ***Léo da Moagem*** *ou* ***Léo do Museu****.* **Crixás Hotel Fazenda – Formosa – Goiás.**

Parabéns por essas 50 edições da revista Xapuri. Parabéns também pela produção da Exposição Chico Mendes Herói do Brasil, bela homenagem à memória de Chico Mendes!
Júlia Feitosa Dias – Rio Branco – Acre.

As imagens mais populares da @revistaXapuri

Imagem do mês

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 50 SOCIOAMBIENTAL

DEZ 18

08 **CAPA**
Chico Mendes 30 anos
Ressoam as vozes da floresta

15 **BIODIVERSIDADE**
Carnívoras:
as plantas que comem insetos

18 **CONJUNTURA**
Mais ou Menos Médicos?

30 **ECOTURISMO**
Parque dos Falcões:
santuário das aves de rapina

40 **MEMÓRIA**
Dona Cecília Mendes:
doces memórias da matriarca do Cachoeira

48 **SUSTENTABILIDADE**
A urgência do paz e bem de São Francisco de Assis

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

16 **AMAZÔNIA**
"Apocalipse agora" para a Amazônia: promessas devastadoras do presidente-eleito

21 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Olorum Ekê

22 **ECOLOGIA**
ATMOSFERA: a esfera que proporciona a vida na Terra

25 **UNIVERSO FEMININO**
A moda... e a mulher inteligente

32 **MITOS E LENDAS**
Perséfone, a romã e a mulher

33 **GASTRONOMIA**
Sorvete de romã: bom, bonito, gostoso e fácil de fazer

36 **MEIO AMBIENTE**
AGROTÓXICOS: metais pesados em nossas águas

44 **PERFIL**
Raimundo Mendes de Barros, o Raimundão: um velho e sábio guardião da floresta

46 **SAÚDE**
Remédio de índio: ciência testada nos saberes da vida

CHICO MENDES 30 ANOS

RESSOAM AS VOZES DA FLORESTA

Jaime Sautchuk

Trinta anos após seu assassinato, Chico Mendes vive. A exploração econômica da floresta em pé por aqueles que nela vivem, num exemplo global de que a verdadeira sustentabilidade é possível em qualquer bioma, em qualquer rincão do Planeta, é seu legado maior.

Por isso mesmo, seus ensinamentos são tão combatidos por aqueles que não estão nada preocupados com o futuro da Humanidade, que são movidos pela ganância, pela busca do lucro rápido.

Naquela boca de noite de 22 de dezembro de 1.988, os chumbos de uma espingarda calaram a voz de um jovem homem do mato. Um seringueiro humilde como tantos outros que morrem pela ação de ruralistas, madeireiros e mineradores.

Mas não emudeceram o líder, não foi o crepúsculo de uma causa. Ao contrário, fizeram reverberar mundo afora um exemplo palpável de racionalidade, que ganha caráter de denúncia, de luta contra a irracionalidade. Contra um capitalismo que, ao invés de avançar no tempo, regressa à época dos colombos e cabrais.

Nas últimas duas décadas, havia ocorrido uma redução no ritmo do desmate, em função de políticas públicas adequadas e reforço da vigilância e fiscalização feitas pelo Ibama e outros órgãos governamentais. Mas, nos últimos dois anos, vêm ocorrendo mudanças na legislação e sinalização do governo instalado após o golpe de 2016 em favor da exploração desordenada de recursos naturais.

Projeções feitas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), com base na atual realidade do país, são alarmantes. A partir de 2020, o desmatamento da Amazônia brasileira deve subir 268%, saltando dos já volumosos 6,9 mil km², em 2016, pra 25,6 mil km² por ano.

Segundo a matemática Aline Soterroni, pesquisadora daquele órgão, em entrevista à revista Exame, "o modelo se mostrou eficaz quando usado em retrospectiva, ou seja, quando se considerou variáveis passadas para validar as simulações futuras".

Esse método foi usado pelo governo brasileiro pra definir sua meta de contenção do desmatamento ilegal até 2030, que foi submetida junto ao Acordo de Paris, assinado pela maioria dos países do mundo, no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015. No entanto, o presidente eleito já avisou que o Brasil deverá deixar esse acordo a partir de sua posse, em janeiro próximo, seguindo o exemplo do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

"No 'cenário Bolsonaro', simulamos o não cumprimento do Código Florestal, com a competição pelo uso da terra sendo regida pela demanda. O resultado é que, em uma década, o desmatamento médio para vai a 25,6 mil km². Não é algo absurdo de se imaginar, pois já tivemos taxas parecidas em 2004, quando praticamente não havia políticas de combate ao desmatamento", afirmou a pesquisadora.

Contudo, o desmatamento é apenas a parte mais visível de um processo avassalador. Começa que, com as árvores que caem, vai junto o restante da flora, com seu inestimável valor, e toda a fauna, pois os animais de todos os tamanhos ficam ao desamparo. Ademais, a retirada da floresta reduz a produção de dióxido de carbono que é colocada na Atmosfera, com suas consequências bastante previsíveis.

Isso tudo sem falar que, na atualidade, as áreas desmatadas passam a ser usadas no cultivo de grãos, especialmente a soja. Nos últimos anos, após invadir todo o Cerrado da região Centro-Oeste e grande parte do Nordeste, essa leguminosa vem ocupando também novas áreas da Amazônia, do Pará ao Acre. E ela é a que mais demanda o uso de agrotóxicos, o que significa a contaminação dos ambientes, com o consequente envenenamento das águas superficiais, pondo em risco a vida ao longo de igarapés e rios.

Também a mineração ilegal, hoje em larga profusão em toda a Amazônia, é fator de destruição. Pode-se dizer que os garimpos de ouro e pedras preciosas estão presentes nos vales de todos os rios da região, com seu alto poder devastador, o que é facilitado pelo enfraquecimento dos órgãos federais e locais de fiscalização, inclusive em áreas de unidades de conservação.

TERRORISMO

Agora, em novembro, jagunços de fazendeiros atacaram mais duas vezes fiscais do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). No início do mês, um veículo do órgão foi incendiado em Guariba, noroeste do Mato Grosso, próximo à Reserva Indígena de Aripuanã.

Duas semanas depois, foi no município de Buritis, em Rondônia, que os pistoleiros atearam fogo em três carros do órgão, disparando armas de fogo contra os agentes públicos.

O ICMBio é uma autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, encarregada de cuidar das unidades de conservação federais no país inteiro, atribuições que eram do Ibama até 2012. Neste caso, sua equipe tentava impedir o desmatamento na Floresta Nacional Itaituba-2, de onde carretas e mais carretas de madeira têm sido retiradas.

Essa reserva fica no que está

sendo chamado de "arco do desmatamento" – enorme área localizada na tríplice fronteira dos estados de Rondônia, Amazonas e Pará. Ali, a exploração ilegal de recursos naturais campeia solta.

Atentados desse tipo têm sido frequentes em toda a região, numa tentativa de intimidar os agentes federais. Os ruralistas, madeireiros e mineradores receberam cartão verde do governo de Michel Temer, que adotou várias medidas favoráveis àquelas atividades.

O maior deles ocorreu há pouco mais de um ano, quando oito carros do Ibama e do ICMBio foram queimados em Altamira, Sudoeste do Pará. Eram caminhonetes novas, ainda nem descarregadas do caminhão-cegonha, que seriam empregadas na fiscalização.

Três meses depois, as sedes dos dois órgãos em Humaitá, no Sul do Amazonas, foram incendiadas. A ação criminosa foi após uma operação de combate ao garimpo ilegal no Rio Madeira. Em todos os casos, os bandoleiros agem em grupos numerosos e muito bem armados. Mas seus patrões não assumem a responsabilidade.

Se com os órgãos públicos e seus funcionários as ações são nessas dimensões, é possível se imaginar o que ocorre com os trabalhadores rurais e suas entidades, sem que a sociedade tome conhecimento. São ocorrências que ficam restritas às suas comunidades, diferente do que ocorreu com Chico Mendes.

Aliás, ele mesmo, poucos dias antes de sua morte, havia dado uma entrevista ao Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, mas o jornal não a publicou, sob a alegação de que ele não era pessoa conhecida do grande público. Com a repercussão internacional do assassinato, porém, dias depois o jornal publicou a matéria.

SUSTENTABILIDADE

O sistema econômico e socioambiental que Francisco Alves Mendes Filho desenvolveu, no Acre, era bem diferente. Tanto que logo chamou a atenção não apenas dos outros países da Amazônia, mas do mundo inteiro, pela sua originalidade e pelo seu caráter humano, em que a solidariedade se sobrepõe à concorrência, a defesa da natureza se sobrepõe à destruição e o amor se sobrepõe ao ódio.

Sua formação foi na própria mata, onde ele nasceu, em 1944, e viveu. Era filho e neto de migrantes cearenses que haviam se embrenhado na Amazônia por chamamento do ciclo da borracha, com o sonho de uma vida melhor, longe da seca crônica que assolava a Caatinga.

Foram bater inicialmente em um seringal do sudoeste do Acre, numa área bem próxima à fronteira com a Bolívia. Com o passar dos anos, porém, pegaram o rumo de Xapuri, mais ao norte, que não era uma pequena vila incrustada na floresta, como tantas outras que havia na região. Seu nome relembra os xapurys, principal grupo indígena que habitava aquela região.

Ali foi que teve início a Revolução Acreana, em que o ex-militar gaúcho José Plácido de Castro liderou, nos primeiros anos do século XX, a guerra contra a Bolívia, que dominava aquele território que hoje é o Acre. Em verdade, o governo do vizinho país havia entregue aqueles seringais ao *Bolivian Sindicate*, poderoso conglomerado da borracha com sede nos Estados Unidos.

Liderando um exército formado por seringueiros, índios e voluntários de várias partes do país, Plácido de Castro declarou a independência daquele pedaço da Amazônia, com a intenção de ali criar um novo país. Em 1905, no entanto, o governo do presidente Rodrigues Alves negociou um tratado de paz, e o Brasil pagou à Bolívia por aquele território, assumindo o controle daquele pedaço do país.

A sangria da seringueira pra retirada do látex e as caminhadas pelas "estradas" (trilhas) dos seringais preenchiam seus dias desde a infância. Não havia escolas por ali, nem interessava aos ricos seringalistas dar estudo aos seus súditos, de modo que Chico foi se alfabetizar aos 19 anos de idade, por bondade de um forasteiro culto que chegou por lá.

Esse sujeito era Fernando Euclides Távora, também cearense, ex-militar do movimento dos tenentes e militante político que, em Fortaleza, havia participado do levante comunista de 1935, sufocado pelo regime do presidente Getúlio Vargas.

Depois, já em 1952, tomou parte da Revolução Nacional na Bolívia, evento que marcou a história do vizinho país, por instituir direitos iguais à população indígena e modernizar a economia boliviana. De lá, ele voltou escondido ao solo auriverde e ficou no Acre, mas desapareceu por ocasião do golpe de 1964, que deu início à ditadura no Brasil.

Desde cedo, porém, Chico Mendes percebia a injustiça das relações trabalhistas nos seringais. Era o sistema de barracão, que retinha todo o látex coletado e fornecia os bens de que os seringueiros precisavam. No final do mês, a conta nunca batia, a favor do seringalista, no modelo de servidão, ou semiescravidão, que vigorava em fazendas do país inteiro.

Mais escutador do que falador, ele puxava conversa com todas as pessoas que encontrava. Mas não se arvorava a dono da verdade. Ouvir a opinião dos colegas de lida e seguir a maioria era sua regra fundamental. E buscava conhecimento onde quer que ele estivesse, de modo que a edu-

cação passou a ser sua grande obstinação. Afinal, mesmo pra conferir a caderneta do barracão, era preciso saber ler e fazer contas.

Nisso, contribuíram muito os missionários católicos, atuantes nas comunidades eclesiais de base, as CEBs, implantadas nos seringais. Assim, no final da década de 1960, surgiram os primeiros movimentos reivindicatórios de seringueiros da região de Xapuri, com Chico sempre presente, ativo.

O primeiro passo seria o de deixar as seringueiras em pé, pois fazendeiros de outras regiões começavam a derrubar a mata pra formar pastos e soltar bois, com incentivos fiscais do governo federal. Ele não entendia o porquê daquele processo, já que estava ali, naquele ambiente, o sustento de tantas famílias, não na pecuária bovina.

Surgiu, então, a figura do "empate". Grupos de trabalhadores da borracha desarmados, com mulheres e crianças, se uniam pra empatar (impedir) a derrubada da mata, enfrentando peões, jagunços e muitas vezes até a polícia, que era chamada pelos recém-chegados. Formavam-se grandes alvoroços, mas pacíficos, de modo que os mais fracos saíam vitoriosos.

Esse processo foi, também, o embrião dos sindicatos de trabalhadores rurais, que dariam respaldo legal aos embates trabalhistas e apoio nas lutas políticas. Essas entidades foram criadas com apoio da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag).

O primeiro deles surgiu em 1975, no município de Brasiléia, criado em parceria com o seu amigo Wilson Pinheiro, que se tornou presidente da entidade, tendo Chico como secretário-geral.

Fazendo um parêntesis, vale lembrar que Pinheiro foi assassinado na sede do sindicato em 1980, oito anos antes de Chico. Sua morte gerou uma grande manifestação naquela cidade, que contou com a presença do então líder metalúrgico de São Bernardo do Campo (SP), Luiz Inácio Lula da Silva.

Como liderança sindical, Chico Mendes foi procurado pelo MDB, o partido de oposição consentido durante a ditadura, e foi eleito vereador de Xapuri, o que fortaleceu o movimento dos seringueiros. Aos poucos, eles deixavam a condição de "cativos" e passavam à de "libertos", que significava a desvinculação do sistema de barracão vigente.

Ainda durante o mandato, ele migrou ao Partido dos Trabalhadores (PT), que ajudou a criar naquele estado e, anos depois, foi membro de sua direção nacional. Como líder sindical, participou de inúmeros eventos e entidades, inclusive como dirigente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Outro problema local era o de conflitos entre índios e trabalhadores, fomentados pelos seringalistas como forma de enfraquecer os movimentos populares e, assim, ampliar seu poder. Também nisso, porém, Chico pôs em prática sua rústica diplomacia. Ele se uniu a Ailton Krenak, principal liderança indígena da região naquele momento e, juntos, formaram a Aliança dos Povos da Floresta, entidade que desfez as desavenças.

Com habilidade, os dois conseguiram minimizar os pontos de conflito, montando uma pauta com os itens de interesse comum, que eram mais urgentes. Muito rapidamente, ambas as comunidades perceberam que brigavam por questões secundárias, pouco relevantes.

REFORMA AGRÁRIA

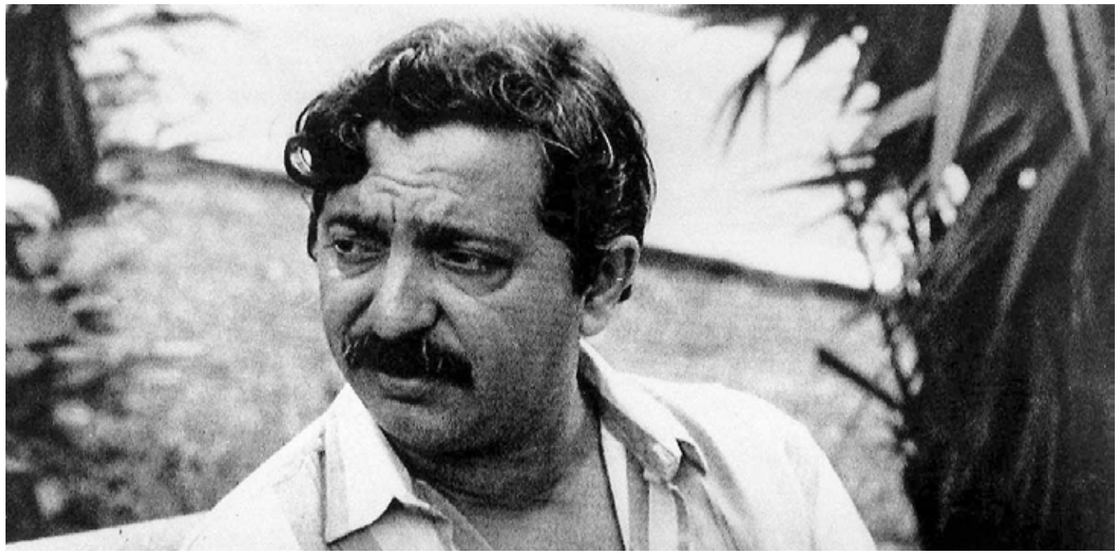
Naquela fase histórica, o governo militar tinha decidido ocupar a Amazônia com projetos faraônicos, como a Transamazônica e outras rodovias, e um tipo de reforma agrária que tentava adequar àquela região modelos vigentes em outras partes do país, como o das agrovilas.

Nos seringais do Acre, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) negociou com os seringalistas e iniciou a implantação de uma nova estrutura fundiária em algumas áreas, justamente aquelas onde estavam ocorrendo mobilizações. Ficou definida a distribuição de módulos de 50 hectares aos seringueiros, mas eles não aceitaram a proposta.

Foi preciso explicar ao Incra que a medida agrária utilizada na região era outra: eram as "estradas", aqueles caminhos que separam as árvores vincadas pra extração da goma-elástica. Cada trabalhador tomaria conta de três "estradas", que era o mínimo necessário ao sustento de uma família, mas não precisaria ser dono da área, pois esta seria de propriedade coletiva.

Foi deste modo que surgiu a ideia de criação de reservas extrativistas (Resex) e de reservas de desenvolvimento sustentável (RDS). Mas essa nova modalidade de reforma agrária só se tornou oficial em 1985, no Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado em Brasília. Mais de 100 seringueiros criaram o Conselho Nacional dos Seringueiros, como entidade representativa, tendo Chico como um de seus conselheiros.

Hoje, são dezenas dessas unidades de conservação ambiental espalhadas pelo país, em diferentes áreas socioeconômicas. A maior parte fica na região Norte, em áreas florestais, mas a de Lago do Cedro, no município de Aruanã (GO), por exemplo, protege a atividade de uma comunidade de pescadores do rio Araguaia.



A essa altura, aquela movimentação já havia despertado o interesse de universidades, ONGs, veículos de comunicação social e instituições públicas brasileiras e estrangeiras, que viam em Chico Mendes a figura central de tudo. A antropóloga gaúcha Mary Helena Alegretti é uma pesquisadora que, por coincidência, cursava mestrado na Universidade de Brasília (UnB) naquele período, estudando seringais do Acre, no final da década de 1970.

Ao conhecer Chico Mendes, passou a desenvolver sua tese de doutorado sobre "Desenvolvimento Sustentável" e passou a colaborar com o seringueiro em diversas atividades. Com ele, por exemplo, ela montou um projeto de alfabetização de adultos na floresta, atendendo a comunidades de seringueiros e de outras populações tradicionais.

Em seus escritos, Mary conta como a grande mídia foi atraída por aqueles acontecimentos. Em 2008, ao lembrar os 20 anos da morte do líder da floresta, ela narrou:

"A minissérie 'Amazônia: de Galvez a Chico Mendes', da Globo, contribuiu para divulgar a história da conquista do Acre, o período da borracha e, inclusive, a vida de Chico Mendes. No entanto, o documentário terminou com sua morte, passando a impressão de que sua luta não teve consequências práticas para a Amazônia, para os seringueiros e demais trabalhadores extrativistas."

É grande o número de documentários em diversos suportes (filmes e livros, principalmente) produzidos no tempo em Chico ainda era vivo e após sua morte. E incontável a quantidade de matérias especiais produzidas por jornais, revistas e portais da Internet no mundo inteiro.

MÁRTIR MUNDIAL

A espantosa habilidade com que Chico Mendes defendia, na prática, o manejo sustentável da floresta logo foi reconhecida também por organismos internacionais. Em 1987, em solenidade realizada em Londres, ele foi agraciado com o prestigiado Prêmio Global 500, da ONU, dedicado a personalidades ambientalistas de todos os continentes, e com a medalha de mérito da *Better World Society*, de Nova Iorque.

No mesmo ano, ele foi convidado a encontros no Senado dos Estados Unidos e no BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), onde fez palestras sobre o processo de ocupação da Amazônia e seus projetos sobre desenvolvimento sustentável, com grande repercussão.

Em 1988, o BID suspendeu o financiamento da construção da rodovia BR-363, por não respeitar áreas de preservação. Meses depois, ele foi assassinado, passando a ser considerado mártir, como Martin Luther King, Mahatma Gandhi e Nelson Mandela.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

CARNÍVORAS:
AS PLANTAS QUE COMEM INSETOS

Eduardo Pereira

Desde que me entendo por gente, ouço falar de plantas carnívoras. Quando eu era criança, tinha um medo danado de ser engolido por uma delas. Mas, para os humanos, essas plantinhas, chamadas carnívoras ou insetívoras, são inofensivas. A maioria delas é de pequeno porte e, geralmente, as espécies são bastante delicadas e muito antigas. Existem fósseis de plantas carnívoras de cerca de 60 milhões de anos. Tanto tempo passado, elas permanecem presentes na nossa flora e podem até ser cultivadas em jardins caseiros.

Essas plantas, assim como todos os outros vegetais, são autotróficas (produzem seu próprio alimento) e realizam a fotossíntese para a autonutrição, mas, como vivem em áreas tropicais e subtropicais com solos pobres em nutrientes, ganharam da natureza a capacidade de capturar pequenos seres vivos para complementar os nutrientes de sua dieta. Para isso, suas folhas foram equipadas com uma substância pegajosa, chamada mucilagem, e atuam como armadilhas para capturar suas presas.

As plantas carnívoras foram descobertas em 1768 pelo botânico inglês John Ellis, que ficou maravilhado com o processo de captura de insetos de uma carnívora chamada *Dionaea Muscipula*. Um século depois, o naturalista Charles Darwin, criador da Teoria da Evolução das Espécies, publicou um livro chamado "Insectivorous Plants", que se tornou a primeira obra dedicada às plantas carnívoras.

Segundo a Ciência, existem cerca de 600 espécies de plantas carnívoras no mundo, a maioria delas em regiões tropicais e subtropicais, especialmente em locais onde o solo apresenta poucos nutrientes. Essas espécies estão divididas em seis famílias, das quais duas são encontradas no Brasil.

Eduardo Pereira
Sociólogo
@weiss_guru

Fontes:
http://plantas-carnivoras.info/
https://brasilescola.uol.com.br/biologia/plantas-carnivoras.htm

"APOCALIPSE AGORA" PARA A AMAZÔNIA:

PROMESSAS DEVASTADORAS DO PRESIDENTE-ELEITO

Philip Martin Fearnside

A eleição de Jair Bolsonaro, que é conhecido como o "Trump tropical", é catastrófica para a Amazônia. O meio-ambiente era uma questão insignificante para a maioria dos eleitores. Uma pesquisa de opinião em abril de 2018 descobriu que 75% da população temem a invasão por um país rico por causa da riqueza natural do Brasil, adicionando apelo à representação de Bolsonaro das preocupações ambientais como ameaças à soberania nacional.

As vitórias conservadoras nas eleições parlamentares deste ano podem acelerar a aprovação de legislação proposta, efetivamente eliminando o licenciamento ambiental e terminando com a criação de áreas protegidas. Bolsonaro prometeu não permitir a demarcação de "um único centímetro" de terra indígena. Onze projetos de lei e de emenda constitucional que o Bolsonaro apoia estão sendo acelerados e podem ser aprovados antes dele assumir o cargo em 1º de janeiro de 2019.

Um dos principais aliados congressionais de Bolsonaro prometeu "vender" as terras indígenas do País. De considerável interesse para os apoiadores ruralistas de Bolsonaro é uma modificação da lei para classificar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como organização terrorista. Isso, junto com a proposta de Bolsonaro de permitir a porte de armas para a "proteção de propriedades rurais", poderia incitar ainda mais os conflitos na Amazônia, que já é palco de milhares de assassinatos rurais. Bolsonaro promete o fim dos "ativistas" e a expulsão de organizações ambientais internacionais.

As agências ambientais brasileiras perderiam o poder de licenciar projetos de infraestrutura, que são grandes impulsores do desmatamento. O que sobra de licenciamento seria distribuído para outros ministérios, notadamente aqueles que mais impactam a Amazônia: Agricultura, Infraestrutura e Minas e Energia, deixando a "raposa guardando o galinheiro". O atual licenciamento ambiental do Brasil é lamentavelmente inadequado, mesmo sem o enfraquecimento planejado. O controle do desmatamento seria relaxado para por fim a uma suposta "indústria de multas[ambientais".

A negação climática, uma força poderosa no Brasil, é endossada por Bolsonaro. Ele vê a mudança climática como uma conspiração estrangeira para impedir o Brasil de desenvolver, e já encaminhou materiais negacionistas para sua base através das mídias sociais. Em agosto de 2018, um de seus filhos viajou para Nova York para se reunir com Steve Bannon – o homem que convenceu Trump a abandonar o Acordo de Paris. Durante sua campanha, Bolsonaro prometeu retirar o Brasil do Acordo, mas pouco antes do segundo turno, ele pareceu voltar atrás.

No entanto, ficar no Acordo estava condicionado em "alguém" dar-lhe uma garantia escrita em "preto no branco" de que não há questão de "triplo A, nem da independência de qualquer terra indígena". "Triplo A" refere-se a um corredor ecológico ligando os Andes ao Atlântico (que Bolsonaro acredita ser uma conspiração estrangeira para usurpar a soberania sobre a Amazônia), e "independência" refere-se à crença de que os povos indígenas podem declarar independência do Brasil e serem reconhecidos por governos estrangeiros conspiraratórios. Uma vez que tal garantia não pode ser esperada em relação a estas duas lendas urbanas, a intenção de Bolsonaro de se retirar do Acordo de Paris pode ser considerada como inalterada. Ironicamente, é previsto que o Brasil sofra alguns dos maiores impactos das mudanças climáticas.

Fonte: Amazônia Real http://amazoniareal.com.br/

Philip Martin Fearnside
Doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978.

MAIS OU MENOS MÉDICOS?

Emir Sader

A implementação do programa *Mais Médicos* serviu para trazer à luz pública o escândalo que é o processo de formação e profissionalização dos médicos das universidades públicas brasileiras. O governo teve que apelar para médicos cubanos, porque os médicos brasileiros, formados gratuitamente nas melhores universidades do país, se negavam a ir atender as pessoas onde mais se precisa que eles atendam.

Alegavam que o salário não era bom, que não havia condições de atendimento naquelas lonjuras, etc. etc. Saíram para as ruas querendo vetar o programa e considerando que teriam poder, pela influência sobre seus pacientes, para derrotar o programa e a Dilma.

Se deram muito mal. Apesar das exibições explícitas de racismo, o povo recebeu, imediatamente, da melhor forma possível o fato de que mais de 700 municípios, que nunca tiveram acesso aos médicos e tratamentos adequados, passaram a ter médicos permanentes na sua própria cidade. Médicos estes que se integraram à comunidade brasileira e fizeram mais que o simples papel de passar uma receita. Fizeram-se extremamente humanos e amigos.

Uma médica cearense disse que "as médicas cubanas se parecem a empregadas domésticas", sem se dar conta de que fazia um enorme elogio a elas e a Cuba. Pessoas que aqui seriam empregadas domésticas, em Cuba são médicas.

As universidades públicas brasileiras formam grande quantidade de médicos. Acontece que a grande maioria não tem compromisso algum com a situação de saúde do país. Sem contrapartida alguma, saem dos melhores cursos de medicina do país, que cursaram gratuitamente, para abrir consultórios em bairros ricos das grandes cidades brasileiras, atender clientela chique, que paga os tubos pelas consultas.

Formados em universidades públicas, fazem da sua profissão uma fábrica para se enriquecerem e da medicina uma atividade mercantil. Enterram o juramento de Hipócrates de maneira vil e sem a menor falta de compaixão aos doentes e necessitados, motivo maior de seus compromissos enquanto médicos.

Olhem onde estão trabalhando a grande maioria dos médicos brasileiros e onde está a grande maioria de doenças no país. Há uma distância abismal. O médico deveria se ocupar das dores e dos sofrimentos das pessoas.

Os médicos cubanos podem não ser melhores médicos do que os brasileiros, mas são certamente muito melhores cidadãos. Têm consciência de quem tem prioridade no atendimento. A formação acadêmica de um médico cubano é feita nas colônias, nos canaviais e nas pequenas vilas. A prática é constante e cotidiana, a teoria acompanha essa prática.

Para vergonha das faculdades de medicina públicas no Brasil, as pessoas humildes que são atendidas pelos médicos cubanos dizem que eles "olham para a gente", "tocam na gente", o que significa que aqueles que apareciam, às vezes, por lá não olhavam para os pacientes, não tocavam nos pacientes.

A composição do programa *Mais Médicos* incorporou uma maioria de médicos brasileiros, que não consideram que a remuneração é insuficiente, que vão atender cidades e pacientes que antes não eram atendidos. Mesmo quando se quer terminar o programa, a população e os prefeitos cujos municípios passaram pela experiência de atendimento dos médicos cubanos reagem com indignação.

Mas os cursos de medicina, na sua grande maioria, continuam a formar, nas universidades públicas, médicos para atender a população rica, ganhando fortunas. A política de cotas começa a dar frutos, formando as primeiras gerações de médicos negros e pobres. Porém isso se dá com grande dificuldade, por requerer que os estudantes dediquem 6 anos em tempo integral ao curso, com livros caros. Se tratava de apoiá-los com bolsas de estudo, mas o governo atual cortou esse apoio.

A própria imagem do médico como um típico jovem branco, de avental engomado, alto, bonito, nas mãos de quem fica o destino dos pacientes, ficou questionado. No início do *Mais Médicos*, só saíam às ruas gente de direita, para questioná-los e se posicionarem contra eles. O pessoal de esquerda parece que se sentia constrangido, mas o governo da Dilma teve uma grande vitória – especialmente pela ação da Dilma e do Padilha – hoje a maioria esmagadora, sempre acima de 90%, da população, adora o programa e não quer mais ficar sem ele.

O governo atendeu uma demanda elitista de setor dos médicos e proibiu a criação de novos cursos de medicina. Como se o Brasil não precisasse de mais médicos, mas o "mercado" quer manter a reserva para aqueles privilegiados que podem fazer cursos nas faculdades existentes e atender aos pacientes que podem pagar as consultas que eles cobram.

É um crime de lesa humanidade. Reitera a imagem de que o governo golpista governa para os ricos. Forma médicos ricos, que atendem aos ricos. E a saúde pública, os pobres desse imenso Brasil, os usuários do SUS, o *Mais Médicos*, que se danem.

O Brasil precisa de mais e melhores médicos e não de menos médicos. Precisa de médicos formados com recursos púbicos para atender a massa da população, aquela que mais requer atenção. Dinheiro público para formar médicos para o povo. Quem quiser atender clientela rica, que busque faculdades privadas e pague por seu curso.

O presidente eleito se meteu numa sinuca de bico ao provar o fim da participação dos médicos cubanos no Brasil. De forma totalmente irresponsável levou à ruptura o acordo com o governo cubano. E de forma igualmente irresponsável o governo atual se compromete a contratar técnicos para suprir as mais de 8 mil vagas ainda neste mês. Veremos o resultado que conseguem.

Emir Sader
Sociólogo
Autor do livro "O Brasil que queremos."

CUT
FITRATELP
SINTTEL SINTPq SINTELMARKETING SINTRATELE

ARTE
RELACIONAMENTO
CRIATIVIDADE TAMANHO
SUSTENTABILIDADE
PONTUALIDADE
CONTEÚDO QUALIDADE
ESTÉTICA
FORMATOS
COMPROMISSO
PONTUALIDADE
CRIAR CORES

nossagráfica
gráfica e editora
uma visão infinitamente nova

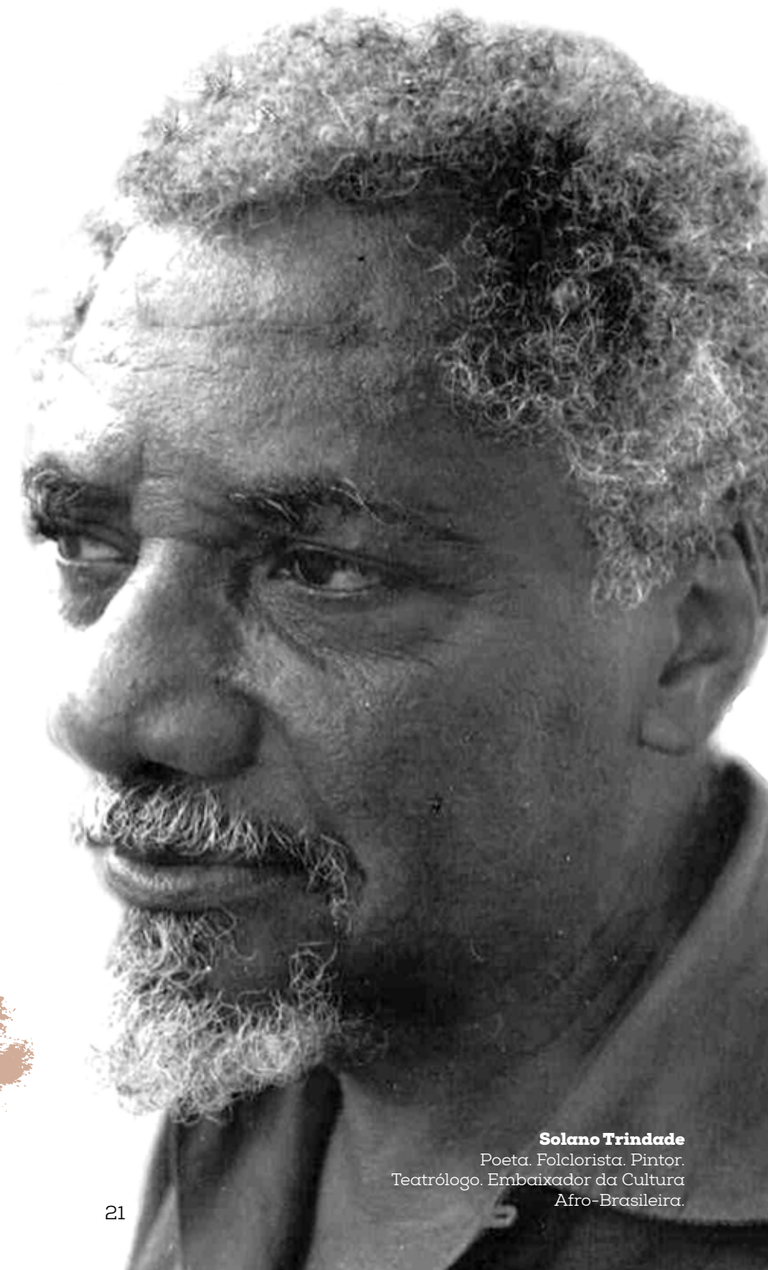
Pati Sales - 61 99554-1063 | 3591-4070

OLORUM EKÊ

Solano Trindade

Olorum Ekê – disse.
Olorum Ekê
Eu sou poeta do povo
Olorum Ekê
A minha bandeira
É de cor de sangue
Olorum Ekê
Olorum Ekê
Da cor da revolução
Olorum Ekê
Meus avós foram escravos
Olorum Ekê
Olorum Ekê
Eu ainda escravo sou
Olorum Ekê
Olorum Ekê
Os meus filhos não serão
Olorum Ekê
Olorum Ekê

Nota:
Os dizeres "Olorum Ekê"
são uma expressão
Iorubá que significa
"povo do santo guerreiro".



Solano Trindade
Poeta. Folclorista. Pintor.
Teatrólogo. Embaixador da Cultura
Afro-Brasileira.

ATMOSFERA:

A ESFERA QUE PROPORCIONA A VIDA NA TERRA

Altair Sales Barbosa

Acima da litosfera e da hidrosfera, componentes da crosta terrestre, também chamada de estenosfera, encontra-se um conjunto de elementos com diversos componentes físicos, químicos e cuja existência é responsável pela vida na Terra e em parte pelas suas feições geomorfológicas.

A esse conjunto de elementos, que varia desde o nível do mar até aproximadamente 800 km de altura, dá-se o nome de atmosfera. Portanto, atmosfera é uma camada gasosa que envolve o planeta Terra em toda sua extensão.

Não se nos apresenta homogênea, mas dividida em camadas definidas que variam de temperatura e composição. Essa variação tem como base os tempos atuais, porque em eras mais remotas a composição apresentava maior variação e outras composições.

Atualmente, pode-se organizar a atmosfera terrestre em camadas partindo do nível do mar em direção ao espaço sideral. Essas camadas são assim denominadas: troposfera, estratosfera, mesosfera, termosfera e exosfera.

TROPOSFERA

A troposfera é a primeira camada da atmosfera. A partir do nível do mar, essa camada pode atingir de dez a doze mil metros de altura, sendo que esta variável depende da geomorfologia. Por exemplo: a troposfera é mais espessa a partir do nível do mar e menos espessa a partir das altas cadeias de montanhas, da mesma forma, sua composição e temperatura se alteram tanto em relação à latitude como em relação à altitude.

Atualmente a troposfera terrestre é composta por cerca de 78% de Nitrogênio, 21% de Oxigênio e 1% de outros gases como Dióxido de Carbono, Óxido Nitroso, Dióxido de Nitrogênio, Gás Metano, Ozônio e vapor de Água.

Essa composição, entretanto, nem sempre foi dessa forma, houve grandes variações durante os diversos períodos da história geológica da Terra. Por exemplo, na aurora do Planeta o teor de Dióxido de Carbono chegava a 99%. Esse material, posteriormente, foi lentamente sequestrado pelos mares primitivos, dando origem aos calcários, hoje existentes na Terra.

É na troposfera onde ocorrem os maiores dos fenômenos naturais ou meteorológicos, como vento, chuva, neve, relâmpagos, etc. A temperatura desta camada é muito variável situando-se entre 40oC a -60oC.

ESTRATOSFERA

A estratosfera é a segunda camada da atmosfera a partir do nível do mar. Vai desde os limites da troposfera e pode alcançar a altitude de 50 km, variando também de temperatura de acordo com a altitude, indo de -5oC até 70oC.

O principal componente desta camada atmosférica é o Ozônio, com níveis de 85% a 90%. Mas nem sempre foi assim. Esse gás começou a se formar durante o início do período geológico conhecido como Permiano, por volta de 300 milhões de anos antes do presente. Nessa época, cerca de 20% da estratosfera era composta de oxigênio. Durante esse período, uma forte radiação solar quebrou as ligações entre os átomos de oxigênio, fenômeno conhecido como fotólise, dando origem ao Ozônio, que é uma combinação desses átomos com moléculas de oxigênio. Dando origem ao O3 – Ozônio, e após esse processo passou a formar uma camada específica, situada entre 25 a 30 km de altura.

A camada de ozônio é a responsável por diminuir os efeitos nocivos da radiação solar sobre a Terra, inclusive protegendo a vida da ação dos raios ultravioletas. Por esta razão é que, a partir dessa época, houve uma explosão da vida sobre a Terra, possibilitando inclusive a colonização das partes continentais, tanto por comunidades vegetais, como também por animais.

Além do Ozônio, outros gases em proporção menor entram na composição da Estratosfera: Óxido de Azoto N2O, Metano CH4, Clorofluorcarbonetos CFC, gases liberados por atividades vulcânicas, Ácidos de Halógenos, Dióxido de Enxofre, Ácido Sulfúrico, sendo este último importante para a formação das nuvens. Outra observação importante a salientar é que todos são gases de vida longa.

MESOSFERA

Logo acima da Estratosfera, numa altitude situada entre 50 a 80 km e com temperaturas que variam de -10o C até -100o C situa-se a Mesosfera, camada da atmosfera na qual se concentram os íons, que são partículas elétricas úteis para a transmissão das ondas sonoras de rádios e sinais de TV.

Nesta camada também ocorre o fenômeno da aero luminescência, que consiste na queima de gases, provocando flashes de luminosidades tanto no período diurno quanto no noturno.

TERMOSFERA

Em termo puramente linear, apenas para reforçar o raciocínio aqui utilizado, encontra-se logo acima da Mesosfera a camada denominada Termosfera que pode chegar a uma altitude de 500 km acima do nível do mar. É basicamente composta por raras moléculas de ar, por esta razão a radiação solar é muito intensa fazendo com que as temperaturas atinjam facilmente a casa do 1000oC.

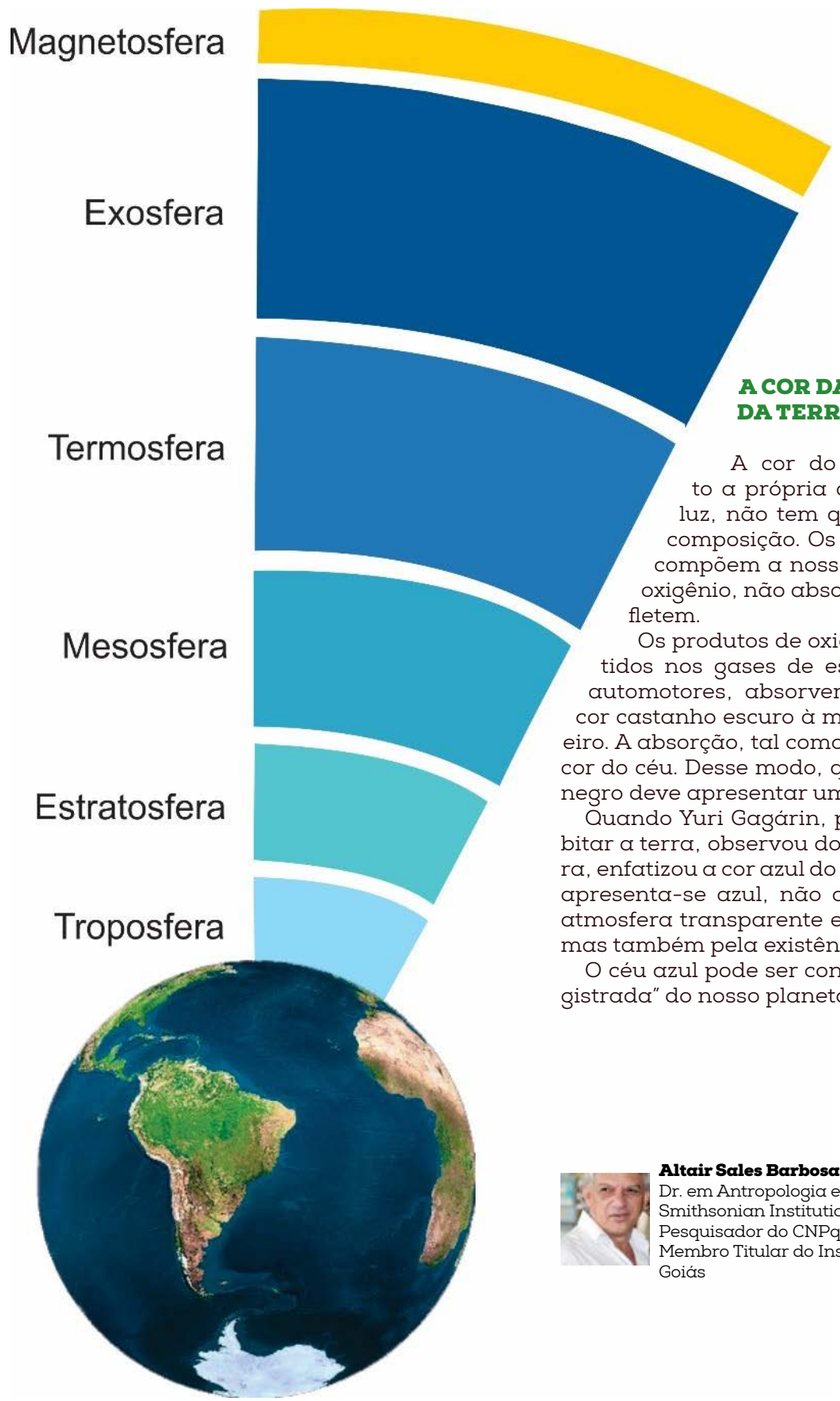
EXOSFERA

Acima dos 500 km de altitude encontra-se a Exosfera, camada que antecede o espaço sideral e que segundo alguns estudos pode atingir até 800 km de altura. É formada basicamente por Hélio e Hidrogênio. A título de curiosidade, é nesta camada que se encontram os satélites artificiais e os telescópios espaciais.

MAGNETOSFERA

É perfeitamente conhecida nos dias atuais a dinâmica dos ventos solares. Sabe-se que o sol irradia em todas as direções um vento com velocidades de 300 a 900 km por segundo. Esses ventos geralmente carregam radiações nocivas e se atingissem a superfície da terra arrasaria tudo que existe vivo no Planeta e ainda poderia provocar a evaporação das águas oceânicas e outras águas superficiais. Entretanto, isto não ocorre, porque a Terra possui um escudo magnético protetor.

Esse campo magnético recebe o impacto dos ventos solares e os rebate ou os absorve, permanecendo envolto neles. Essa bolha magnética é considerada por alguns meteorologistas como mais uma camada da atmosfera, talvez a última, recebendo a denominação de Magnetosfera.



A COR DA ATMOSFERA DA TERRA

A cor do céu da Terra, enquanto a própria atmosfera não absorve a luz, não tem qualquer relação com sua composição. Os principais elementos que compõem a nossa atmosfera, nitrogênio e oxigênio, não absorvem a luz, somente a refletem.

Os produtos de oxidação do nitrogênio, contidos nos gases de escapamento dos veículos automotores, absorvem a luz, atribuindo uma cor castanho escuro à mistura de fumaça e nevoeiro. A absorção, tal como a dispersão, interfere na cor do céu. Desse modo, qualquer céu que não seja negro deve apresentar uma atmosfera.

Quando Yuri Gagárin, primeiro astronauta a orbitar a terra, observou do espaço a nossa atmosfera, enfatizou a cor azul do céu. A Terra, vista de fora, apresenta-se azul, não apenas devido à espessa atmosfera transparente e enriquecida de oxigênio, mas também pela existência do oceano profundo.

O céu azul pode ser considerado uma "marca registrada" do nosso planeta.

Altair Sales Barbosa
Dr. em Antropologia e Geociências
Smithsonian Institution de Washington D.C. USA -
Pesquisador do CNPq -
Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

A MODA...
E A MULHER INTELIGENTE

Ano a ano, variam as modas. Saias sobem, saias descem, saias armam, como abajures, ou se estreitam como malha de bailarina.

E as mulheres obedecem à moda.

Decotes crescem ou minguam, cinturas se alargam ou se estreitam, penteados se complicam ou se desmancham, até a cor dos lábios, das unhas, dos cabelos, se modifica.

E as mulheres obedecem à moda.

Os saltos se afinam, engrossam, se curvam, deformam ou ajudam a figura. As fazendas brilham, tornam-se leves, com flores, com bordados, ou se puritanizam em cores escuras, em tecidos grosseiros.

As mulheres obedecem sempre.

Todas as mulheres? Não. A mulher inteligente não é escrava dos caprichos dos costureiros ou dos fabricantes de cosméticos. Antes de adotar a última palavra da moda, ela estuda o efeito da mesma sobre o seu tipo. A mulher inteligente sabe que mais importante que parecer "chique" é parecer bonita.

Não quero dizer que ela ande fora de moda, use roupa ou penteados antiquados. Mas o que ela usa é o que lhe fica bem, ajuda a sua figura, realça a cor e o brilho de seus olhos e cabelos, a cor de sua pele, remoça-a e torna-a ainda mais interessante para os olhos masculinos.

Espero que minhas leitoras pertençam a esse tipo de mulher. Gostaria que todas essas "escravas da moda" que andam por aí, muitas vezes despertando o riso, pensassem um pouco antes de obedecer cegamente às ordens, nem sempre equilibradas, dos costureiros famosos, cujo interesse de despertar a atenção pela extravagância e pelo exagero parece crescer dia a dia.

Andem na moda, claro! Adotem penteados, pinturas, adereços modernos! Mas modernizem, antes de qualquer coisa, a sua mentalidade!

Clarice Lispector
em Correio Feminino.
Organização Maria Aparecida Nunes. Editora Rocco. 2006.

O GRITO VERDE QUE ANDA

Pedro Tierra

FRANCISCO, CHICO, CHICO MENDES,
SERINGA, SERINGUEIRO, SERINGAL,
LEGIÃO DE HOMENS E SONHOS,
VERDE ROMPENDO O VERDE,
PUNHAL ACESO NA MEMÓRIA
DA ÁGUA, DA PEDRA, DA MADEIRA,
DOS HOMENS?
A SUMAÚMA, A SERINGUEIRA,
A PEDRA DO MONTE RORAIMA,
O SANGUE QUE MINA DO TRONCO
NOS SERINGAIS DE XAPURI INDAGAM:
ONDE A SOMBRA EXILADA DE CHICO MENDES?
ORGANIZADOR DOS VENTOS GERAIS
QUE COMBATEM DEPOIS DAS CERCAS,
DE TODAS AS CERCAS DA TERRA...
CHICO: UM GRITO VERDE QUE NÃO CESSA.

Pedro Tierra
Poeta da Resistência.

CERRADO:
em Rede somos mais fortes

Dois mil e dezoito foi um ano de recomeços para a Rede Cerrado. A organização foi constituída na década de 1990 durante a ECO-92 por um conjunto de entidades que, naquele momento, viram na articulação em rede uma estratégia de luta e resistência. Tornou-se, ao longo dos anos, referência na área socioambiental e no apoio à construção de políticas públicas que visam proteger o Cerrado e garantir direitos aos povos e as comunidades tradicionais que habitam o Bioma. Com a retomada da Secretaria Executiva neste ano, a Rede Cerrado voltou ao seu caminho de origem.

"Se a gente, enquanto sociedade civil, não se organiza, a gente não tem possibilidade de avançar em uma política pública de desenvolvimento sustentável para o Cerrado. A gente precisa desse lugar!". Foi o que disse Irene Maria dos Santos, do Instituto Brasil Central, durante a VII Assembleia Geral da Rede Cerrado, realizada em Brasília em maio deste ano. Ela que acompanha a organização desde o início destaca a Rede por ser, em um único espaço, uma articulação, uma mobilização e um intercâmbio de experiências. O evento foi um marco no reencontro das entidades e na retomada das ações desenvolvidas pela Rede Cerrado.

Diversas ações foram desenvolvidas ao longo do ano. Participações como no Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA), no IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), no Seminário Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais e no Seminário Dia Nacional do Cerrado, contribuíram ainda mais no fortalecimento da Rede Cerrado enquanto articulação. Hoje, mais de 50 organizações socioambientais com atuação no Bioma estão associadas à Rede Cerrado, representando, indiretamente, mais de 300 entidades de base.

A Rede Cerrado, durante 2018, ainda protagonizou outras ações tendo como objetivo central a defesa do Cerrado e dos seus povos. Lançado no dia 4 de setembro, o documento "Estratégias Políticas para o Cerrado" contou o apoio da Rede, que o apresentou no Salão Verde da Câmara dos Deputados para parlamentares e candidatos à Presidência da República. Além disso, a organização participou ativamente da I e II Oficina de Construção da Plataforma de Territórios Tradicionais, uma iniciativa do Ministério Público Federal (MPF), e ainda comemorou a posse do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CONPCT).

Na perspectiva de levar o tema do Cerrado para outras regiões do Brasil, a Rede Cerrado, em parceria com a ActionAid e com a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, realizou um evento no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Com o tema "Cerrado em toda parte", a atividade contou com seminário que relatou as principais problemáticas enfrentadas pelo Bioma e seus povos, atividades lúdicas para crianças e ainda apresentou produtos do Cerrado para os visitantes do Museu.

"A Rede faz parte da história das organizações sociais que lutam pelo Cerrado. Foram nos encontros dos Povos do Cerrado, promovidos pela Rede, que muitas políticas públicas foram discutidas e construídas. Também nesses momentos de encontros dos diferentes povos que discutimos o que nos afeta enquanto produtores, assessores e cidadãos", salientou Rodrigo Noleto, coordenador administrativo da Rede Cerrado e coordenador do Programa Amazônia do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Para ele, esse tem sido o caráter da Rede Cerrado: "contribuir para a conservação do bioma, seus modos de vida e a economia das famílias que usam de maneira sustentável seus recursos".

A conquista de direitos começa pela garantia da terra. Por isso, em novembro deste ano, a Rede Cerrado reuniu mais de 30 entidades associadas para a sua I Oficina de Territórios, cujo principal objetivo foi fazer um diálogo sobre direitos territoriais e trocar experiências a partir de diferentes formas de resistência e permanência na terra. Ainda na perspectiva de discussão sobre territórios, a organização participou da Oficina Estratégias em Defesa da Consolidação das Terras de Uso Comum, promovida pelo Instituto Sociedade População e Natureza (ISPN), pela Terra de Direitos, FASE, Universidade Federal do Pará e a Universidade Federal de Brasília, juntando-se a grupos de discussão para futuras ações para 2019.

"Eu vou continuar na luta no combate à violência contra a devastação do Cerrado. Eu moro no Cerrado e ele é de grande importância para minha vida e para a vida da minha família", afirmou Maria do Socorro Teixeira Lima, a dona Socorro, quebradeira de coco babaçu e atual coordenadora geral da Rede Cerrado. Para ela, o trabalho desenvolvido neste ano pela organização foi muito importante para a retomada e o fortalecimento da Rede Cerrado. "Agora, precisamos garantir a continuidade dessas ações", destacou.

Todas essas ações de fortalecimento só puderam ser desenvolvidas porque a Rede Cerrado, atualmente, conta com o apoio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF, na sigla em inglês Critical Ecosystem Partnership Fund) e do DGM Brasil – Mecanismo de Apoio Dedicado a Povos Indígenas, Comunidades Quilombolas e Comunidades Tradicionais do Cerrado Brasileiro.

Para conferir os detalhes de todas as ações desenvolvidas pela Rede Cerrado em 2018 acesse: www.redecerrado.org.br

Fotos: Rede Cerrado

PARQUE DOS FALCÕES:
SANTUÁRIO DAS AVES DE RAPINA

Izalete Tavares

Fotos: Izalete Tavares

Para quem é fã das aves de rapina, ou rapinantes, esse grupo formado por 10% das aves do mundo, todas carnívoras, cujas características as habilitam para a caça – garras afiadas, bico curvo e afiado para rasgar a carne, visão aguçada e voo poderoso –, não há como não agendar uma visita ao Parque dos Falcões, em Sergipe.

Localizado no município de Itabaiana, a cerca de 45 km de Aracaju, a capital do estado, o Parque dos Falcões resulta do trabalho e do esforço de dois sonhadores: José Percílio e Alexandre Correia, hoje responsáveis pela gestão do Instituto Parque dos Falcões.

Alexandre tornou-se "cúmplice" de Percílio no ano de 1999, mas a história do Instituto começou ainda na infância do fundador. Aos 7 anos, Percílio ganhou um ovo de Carcará (*Caracara plancus*) e, depois de 28 dias sendo chocado por uma galinha, nasceu Tito, seu primeiro grande amigo, hoje com 27 anos de idade.

Com seus 3.500 km2, o Parque, que abriga cerca de 300 outras aves, entre gaviões, falcões, corujas, socós-boi e pombos, um dos poucos locais do país com autorização do IBAMA para a criação dessas aves em cativeiro, tornou-se uma referência mundial no manejo, reprodução e reabilitação de aves de rapina.

ABRIGO PARA VÍTIMAS DA CRUELDADE HUMANA

Cada vez mais visitado por estudantes, biólogos e pesquisadores brasileiros e estrangeiros, o Parque abriga muitas aves que foram vítimas da crueldade humana, a maioria delas apreendidas do tráfico de animais, ou mutiladas e maltratadas em cativeiros ilegais.

Fragilizadas, são levadas para o Instituto pelo IBAMA ou pelo Corpo de Bombeiros. Chegam ariscas e com muito medo do contato com os humanos, mas, graças ao carinho e cuidado que recebem, logo se sentem mais seguras e se adaptam às visitas das pessoas.

Após o período de recuperação, algumas aves são reintegradas à natureza. Outras, sem condições de sobreviver em seu *habitat* natural, ficam no Parque onde, graças ao trabalho da equipe de Percílio, por vezes conseguem acasalar e gerar filhotes.

AVES ADESTRADAS

Existem no Parque 32 aves adestradas. Ao contrário da falcoaria tradicional da Ásia e Europa, que treina as aves para caçar ao lado de humanos, Percílio se concentra em fazer com que a população entenda o verdadeiro papel das aves de rapina na natureza e as veja como predadoras com papel fundamental na cadeia alimentar e não como "assassinas sanguinárias".

No Instituto, os adestradores identificam e reproduzem cada vocalização das aves, criando um diálogo com elas e, assim, enviam comandos de defesa, ataque, alerta, ou mesmo cumprimentos, por meio do entendimento de sons guturais produzidos na "linguagem" das aves.

"O segredo está na vocalização. Por meio da identificação de cada som produzido pela ave sabemos o que ela quer. Há sons de ataque, pedido de carinho, e outros que avisam sobre a chegada de pessoas", explica Percílio.

De três a quatro vezes por semana, todas as aves adestradas voam em pequenas viagens, no exercício chamado de punho-a-punho, que envolve voos livres pela serra. Ao som do apito ou da própria voz do treinador, as aves simulam papéis vividos na natureza. Cada espécie de ave precisa realizar um treinamento individual, para que possa vivenciar suas reais necessidades.

"A vida dessas aves está associada ao voo. É através dele que, na natureza, essas espécies buscam alimento. Por serem aves de rapina, elas precisam se exercitar de forma a queimar gordura e atingir o peso ideal O treinamento permite que os falcões mantenham a forma e estejam prontos para qualquer tarefa", conta Alexandre Correia.

ROTEIRO TURÍSTICO

O Parque dos Falcões está nos roteiros de passeios ecoturísticos de Sergipe. Além da visita à sede do Parque, o Instituto também oferece aos turistas um passeio guiado pelo Parque Nacional Serra de Itabaiana.

Para se manter, o Parque, que não recebe apoio dos governos, cobra tarifa ingresso de cada visitante: adultos: R$ 25,00; crianças acima de 8 anos: R$ 15,00; crianças menores de até 7 anos: acesso livre.

As visitas turísticas incluem apresentação oral e audiovisual da história, missão e técnicas de manejo do Instituto; apresentação dos hábitos de vida das aves de rapina; e fotografias com os animais em punho.

Todas as visitas ao Parque dos Falcões devem ser previamente agendadas via telefone: (79) 99962-8396 | 99885-2522 | 99945-9020.

Izalete Tavares
Estudante. Fotógrafa.
@izaletetavares

PERSÉFONE, A ROMÃ E A MULHER

Dos mitos gregos, talvez este seja um dos menos lidos. Conta a lenda que, num dia de outono, Coré colhia flores no campo com suas primas quando, repentinamente, a terra se abre, e a jovem é raptada por Hades, o senhor do reino dos mortos. Ao sofrer pela perda da filha, Deméter passa a vagar pelo mundo, sua dor faz a terra secar e o alimento faltar, o medo da destruição faz Zeus interceder junto a seu irmão, Hades, e permite-lhe recuperar sua filha.

Para voltar do mundo das trevas, Coré, agora como Perséfone, sela um acordo. Ela deverá permanecer com Hades o equivalente em meses ao número de sementes de Romã que tivera engolido. Na releitura do mito, diz-se que ela teria engolido 4 e passaria um terço do ano com o senhor da morte. Em outra, se lembra da associação entre a cor vermelha da Romã e o sangue, uma referência ao ciclo menstrual, quando a mulher sofre a morte de uma vida em potencial, o que levaria toda mulher a conviver mensalmente com o seu Hades interior.

No mundo ocidental moderno, vivemos muito afastadas dos ciclos da vida, renegando inclusive nossos próprios ciclos biológicos, procuramos fazer de conta que eles não existem. A mulher moderna vive "aqueles dias" como um fardo da natureza. Bem distante da antiga sabedoria que destacava o aspecto mágico do sangue e luminoso do útero como um vaso, aquele que tinha por destino e missão receber e conter a vida.

Os estudiosos da psique feminina (na linha junguiana) apontam que a origem de uma série de transtornos menstruais (o mais frequente talvez seja a TPM) estão relacionados à inconsciência do ciclo vida (e morte). Vivemos a menstruação sem tomar consciência de sua importância; entretanto, o corpo se encarrega de nos lembrar o que esquecemos.

O retorno de Perséfone à sua mãe, Deméter, não é o retorno de uma donzela; esta "morreu", mas de uma deusa madura, que conhece a sexualidade, a separação e a morte. Neste mito, a inocência de donzela precisa ser sacrificada. Por outro lado, representa a grande perda sofrida pela mãe quando sua filha primogênita se casa e deixa o seu lar, ou então quando todos os filhos saem de casa e a mulher sofre a síndrome do ninho vazio.

Acredita-se que as duas deusas são na verdade uma e que, juntas, representariam a totalidade da Grande Mãe, a deusa primordial. Ambas simbolizam a capacidade de morrer e renascer infinitamente, como mulher, como terra, como natureza. A grande mãe contém todos os contrários, é ao mesmo tempo donzela e mãe, jovem e velha, a que alimenta e a guerreira. Senhora da vida e da morte.

Fonte: https://ocladaslobas.wordpress.com/2011/05/29/persefone-a-roma-e-a-mulher/

SORVETE DE ROMÃ:
BOM, BONITO, GOSTOSO E FÁCIL DE FAZER

Lúcia Resende

Com o fim de ano chegando repleto de simpatias, muita gente já anda atrás das famosas 7 sementes de romã pra comer no 31 de dezembro e, assim, garantir a sorte no ano entrante.

Já que a romã é uma fruta linda, vermelha e repleta de sementes, que tal fazer um sorvete de romã para as festas de final de ano?

Existem muitas receitas simples e práticas, essa do Trem Bom:
(http://trembom.com/sorvete-de-roma/) eu testei e ficou ótima!

INGREDIENTES

- 2 romãs grandes e maduras
- 1 limão Taiti
- 175g de açúcar de confeiteiro
- 500 ml de creme de leite fresco

PREPARO

1. Jogue as sementes das romãs diretamente dentro do liquidificador. Acrescente o suco do limão, bata gentilmente e depois coe para separar o líquido das sementes esmagadas.
2. Acrescente o açúcar e bata com um fouet (aquele batedor de ovos feito com fios de aço no formato de uma gota), para dissolver o açúcar no suco.
3. Acrescente o creme de leite à mistura e bata bem, usando o fouet, até que a mistura engrosse.
4. Transfira a mistura para uma vasilha, tampe e leve ao freezer por pelo menos 4 horas. Na hora de servir jogue sementes de romã por cima para dar um toque.

Lúcia Resende
Professora
@mluciares

CHÁCARA DO PROFESSOR RECEBE MOSTRA PERMANENTE SOBRE CHICO MENDES

A exposição "Chico Mendes Herói do Brasil – uma memória a honrar, um legado a defender", já encantou diversas pessoas desde sua primeira exibição. Agora, a exposição chega às instalações do Espaço Educador Chico Mendes, localizado na Chácara do Professor.

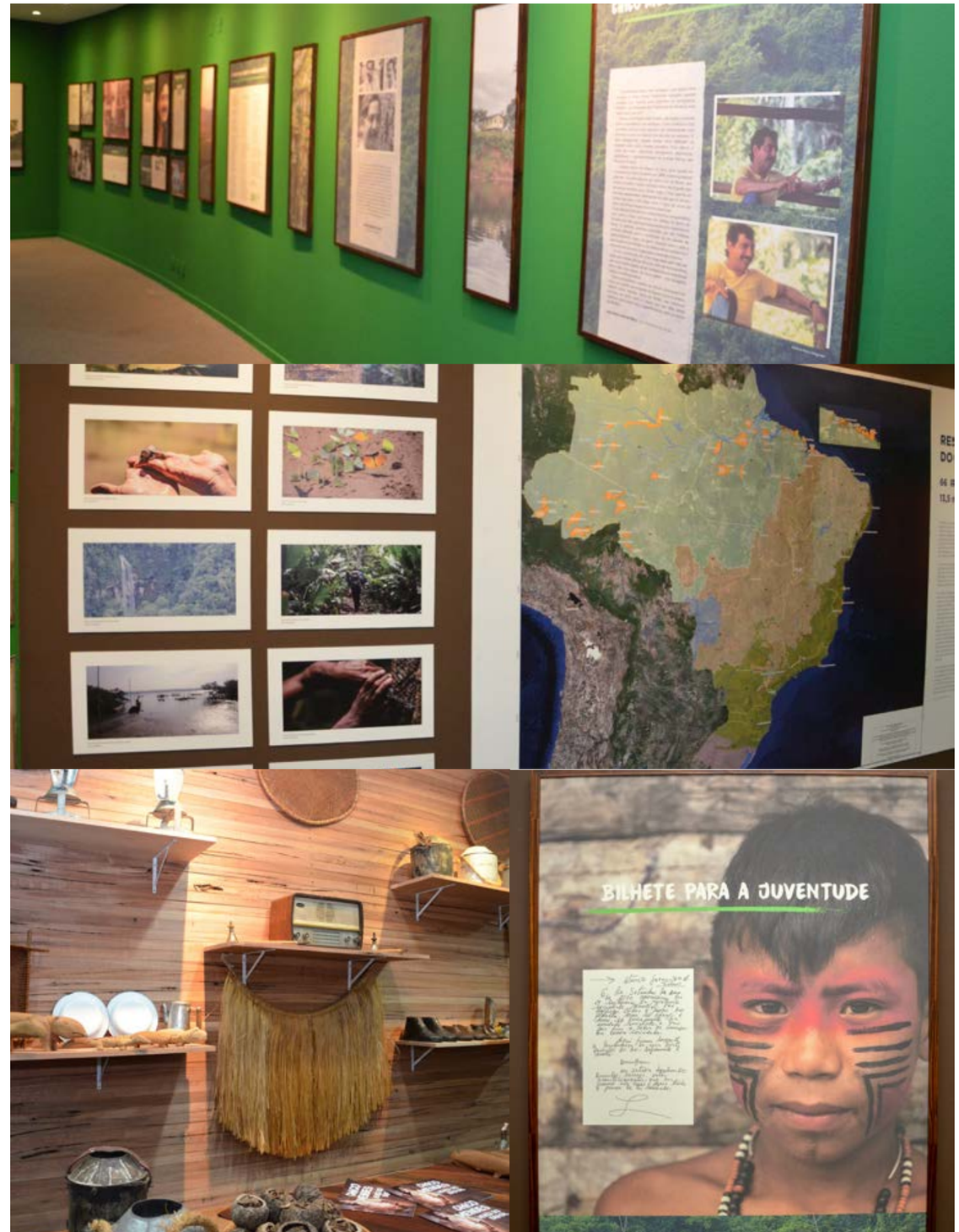
Em 2019, o Espaço que é referência em Educação Socioambiental e promove formação, trocas e difusão de conhecimento sobre práticas ambientalistas saudáveis para a comunidade escolar, movimentos sociais e universidades, receberá a mostra permanente sobre a historia de vida de Chico Mendes.

A exposição é uma realização do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF) e do Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais de Xapuri (STTR-Xapuri), em parceria com o Memorial Chico Mendes, com o Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), com a Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenae), com a Cooperação Alemã (GIZ) e outras organizações.

A mostra conta a história de Francisco Alves Mendes Filho (1944-1988), mais conhecido como Chico Mendes. Seringueiro, sindicalista e ativista político brasileiro, defensor da floresta Amazônica e dos povos que dela dependiam. Além de relatar o legado deixado por Mendes às gerações presentes e futuras, a exposição faz uma homenagem a trinta mulheres e homens, entre milhares de pessoas assassinadas nas últimas décadas no Brasil, em decorrência da luta pela terra.

O Espaço Educador Chico Mendes fica na Chácara no Professor, no Núcleo Rural Alexandre Gusmão, Chácara 02, S/n - Lote 125 - Brazlândia, Brasília – DF.

NÃO PERCA!



AGROTÓXICOS:
METAIS PESADOS EM NOSSAS ÁGUAS

Cláudia Costa Saenger

Em agosto deste ano, o jornal Estado de São Paulo trouxe reportagem sobre um norte-americano, Dewayne Johnson, que desenvolveu câncer em função da exposição a um herbicida com glifosato. Não que se tenha estabelecido uma relação causal, mas a empresa Monsanto foi condenada a pagar milionária indenização ao trabalhador por não advertir no rótulo seus possíveis danos à saúde humana.

Já em terras goianas, o Tribunal Regional do Trabalho (TRT-GO) tardou em reconhecer agrotóxico como causa de envenenamento de uma trabalhadora, em Tuverlândia, que pleiteava a bagatela de 10 mil reais. A cortadora de cana-de-açúcar apresentava vômitos, ardência nos olhos, taquicardia e hipertensão.

A diferença entre os dois casos é que uma doença é crônica; a outra, aguda. Aqui se nota: quando se trata de doenças crônicas, como o câncer, há vários fatores que podem estar envolvidos. Já a intoxicação tem curso agudo, portanto o agravo tinha sido logo após a exposição, e é mais fácil de diagnosticar a causa.

O fato é que a relação entre uso de agrotóxicos e prejuízos à saúde é razoavelmente conhecida no que diz respeito a danos posteriores à exposição àqueles produtos. Isso porque os estudos que estabeleçam nexo causal só são realizados após 20 ou 30 anos dos seus lançamentos. Em revistas europeias diz-se do respeito ao "princípio da precaução", ou seja, primeiro se observam os efeitos para, então, se lançar o produto.

Há vários tipos de estudos epidemiológicos, uns que partem do diagnóstico de doenças/agravos, individual ou coletivamente, e outros que partem da exposição, individual ou coletivamente. Uns retrospectivos, outros prospectivos. Entre os retrospectivos estão os estudos ecológicos, que absolutamente nada têm a ver com Ecologia. São, sim, estudos de observação (e não intervenção) populacionais.

O dito ensaio clínico, duplo cego, ou ainda, triplo cego e randomizado é tido como o padrão-ouro dos estudos epidemiológicos. O problema (ou solução?) do ensaio é que, na maior parte das vezes, esbarra na questão ética da pesquisa. Não é possível submeter pessoas a agrotóxicos pra saber dali a alguns anos que tipo de manifestações vão ter (ainda bem!). Neste aspecto, os estudos ecológicos fornecem hipóteses que outros desenhos epidemiológicos podem vir a complementar.

Em minha dissertação (mestrado), recentemente aprovada, eu quis ver de que maneira as variáveis intoxicação e utilização de agrotóxicos estavam relacionadas, se existem regiões em que há maior probabilidade de intoxicação, e se a ocorrência dessas intoxicações pode ser associada ao uso de agrotóxicos. Usei o estado de Goiás, um dos maiores consumidores, como exemplo.

DEFINIÇÕES

Os chamados "casos" são assim definidos por meio de diagnósticos laboratoriais, clínicos ou epidemiológicos, de maneira isolada ou cumulativa. Quer seja por exames de sangue, manifestações sintomatológicas ou com nexo espaço-temporal entre as vítimas, eles são classificados em ocupacionais ou não-ocupacionais.

Os envenenamentos podem ser ambientais, ou seja, pela terra, ar ou água; acidentais, que normalmente ocorrem com crianças; e habituais, quando a exposição ocorre na lida com os produtos, além de tentativas de suicídio. Nota-se que nem todos os casos habituais são ocupacionais. Estudos científicos revelam que o contato continuado com alguns venenos leva à depressão e ao suicídio.

Também é digno de nota que, ao se mencionar o termo "intoxicação", estamos nos referindo a seres humanos. No caso de objetos inanimados, usa-se o termo "contaminação".

Foi utilizado o coeficiente de incidência, que nada mais é do que uma proporção, em que o numerador é uma fração do denominador. Esse coeficiente é definido pelo número de casos novos de intoxicações de uma região racionalizado pela população dessa região, multiplicado por cem mil. Cem mil é uma padronização pra evitar distorções, já que quanto maior a população, maior a probabilidade de ocorrerem casos.

PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO

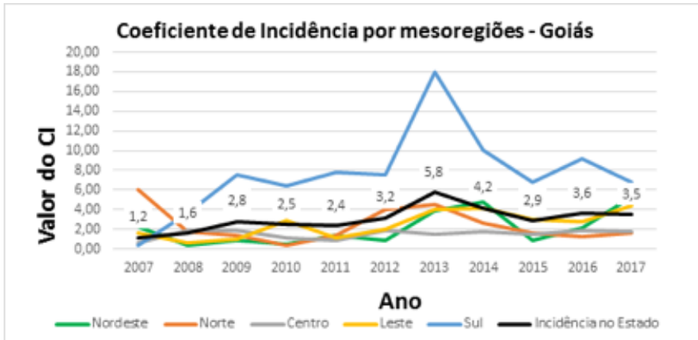
Dados recentes do Censo do IBGE (2018) apontam o estado de Goiás como o segundo maior produtor de cana, terceiro de milho e quarto de soja, quando comparado às demais unidades da federação. A produção agrícola de Goiás a cada ano se supera. Isso se traduz também na utilização de mais agrotóxicos nas lavouras. Apenas as culturas mencionadas respondem por mais de 70% do uso de agrotóxicos no estado.

O quadro abaixo indica a quantidade de ingredientes ativos (IA) vendidos em Goiás, de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Os dados foram obtidos pela Lei de Acesso à Informação.

Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Ingredientes ativos (T)	46844	37122	49506	64172	65048	82809	95733	96910	96589	99759
CI	1.18	1.63	2.83	2.41	3.18	5.75	4.73	2.89	3.6	3.5

A partir dos dados, é possível concluir que a venda de ingredientes ativos dobrou no período considerado. Mas o que isso tem a ver com a intoxicação de pessoas? Como dito de início, não se pode falar de causalidade, mas, sim, associação: à medida que a venda aumenta, o número de casos de pessoas intoxicadas também.

E aumenta tanto que, à medida que dobram as vendas, o coeficiente de incidência triplica, como se observa no gráfico abaixo: de 1,2 casos a cada cem mil habitantes (em 2007) pra 3,5 casos a cada cem mil habitantes (em 2017).



METAIS PESADOS

É verdade que a legislação brasileira é muito mais liberal quanto ao uso de alguns agrotóxicos do que em países europeus, ou mesmo nos Estados Unidos. Isso para substâncias utilizadas em lavouras de soja, como parationa metílica, lactofen e paraquate, entre outros, que são proibidos naqueles países.

Foi a partir da divulgação pela Companhia de Saneamento de Goiás (Saneago) sobre os metais pesados que pudemos especializar as informações acerca da contaminação das águas superficiais neste estado. Os dados que antes estavam em formato somente de leitura (pdf) agora são informação disposta em website, ao público em geral.

Para isso foi necessária a utilização do sistema de informações geográficas com ajuda de programação. Dizendo assim como "pilote um avião", por si só, em uma frase, parece simples.

O geoprocessamento não tem tanta complexidade quanto pilotar um avião, mas pede alguns conhecimentos preliminares. O processo foi compreendido em basicamente duas etapas: extrair as informações dos arquivos de leitura para um formato editável, no que me ajudou meu amigo Rogério Baptista de Souza, e uma etapa de geoprocessamento propriamente dito, que consistiu em coincidir os pontos de captação nas linhas que representam os rios. Os pontos e as linhas são tipos de um formato, dito vetorial, na linguagem do geoprocessamento.

Daí a pergunta que sucede é "pra que serve isso, enfim?" ou mutatis mutandis "onde você quer chegar com esse avião?". Respondo: serve primeiramente pra comparar quanto os índices superaram ou observaram os limites da resolução 357/05 do Conama, que regula o setor. Pode-se também comparar um valor de um ano ao outro e ver se os índices aumentaram ou diminuíram com relação aos metais descritos na tabela abaixo, de acordo com os parâmetros:

ITEM	PARÂMETROS	CLASSE	UNIDADE
1	alumínio	0,1	mg/L
2	antimônio	0,005	mg/L
3	arsênio	0,01	mg/L
4	bário	0,7	mg/L
5	berílio	0,04	mg/L
6	boro	0,5	mg/L
7	cádmio	0,001	mg/L
8	chumbo	0,01	mg/L
9	cobalto	0,05	mg/L
10	cobre	0,009	mg/L
11	cromo	0,05	mg/L
12	ferro	0,3	mg/L
13	fósforo lêntico	0,02	mg/L
14	fósforo intermediário	0,025	mg/L
15	fósforo lótico	0,1	mg/L
16	lítio	2,5	mg/L
17	manganês	0,1	mg/L
18	mercúrio	0,0002	mg/L
19	níquel	0,025	mg/L
20	prata	0,01	mg/L
21	selênio	0,01	mg/L
22	urânio	0,02	mg/L
23	vanádio	0,1	mg/L
24	zinco	0,18	mg/L

Os destinos desse avião podem ser tantos quantos as utilidades que o sistema de informações geográficas nos fornece. Com ele, é possível rastrear focos de contaminação, desde que tenhamos análises mais recentes (de preferência do mesmo mês). Com isso quero dizer que, se há um ponto de coleta contaminado, ele só pode vir da montante. Pra onde essa contaminação vai e se são resíduos de agrotóxicos ou de mineração são outros quinhentos, mas é possível saber, desde que se faça análise específica.

A título de exemplo, no estado de Goiás são municípios em que foi feita coleta d'água e houve extrapolações do limite para o elemento chumbo, em 2012: Porangatu (0,0353mg/L), Santa Tereza de Goiás (0,0128 mg/L), Estrela do Norte (0,0247 mg/L), Itapaci (0,0102 mg/L), Aragoiânia (0,0426 mg/L) e Petrolina de Goiás (0,0161 mg/L). Já, em 2013, houve cinco extrapolações: Alvorada do Norte (0,0206 mg/L), Aragoiânia (0,0258 mg/L), Leopoldo de Bulhões (0,0261 mg/L), Guapó (0,0843 mg/L) e Carmo do Rio Verde (0,0156 mg/L). Em 2014, por sua vez, os municípios de Amorinópolis (0,0119 mg/L) e Doverlândia (0,0107 mg/L) foram as vítimas.

Convém dizer que não é em todos os municípios goianos que são realizadas análises de água. É o caso de Aporé, Cabeceiras, Caçú e Mineiros, alguns desses municípios localizados na mesorregião sul goiana, mas é justo ali que ocorre o maior número de casos de intoxicação humana.

Mas, sem mais delongas, segue o site das análises da Saneago:

http://www.geoviewer.com.br/geoviewer/mapa/projeto/p/23

Cláudia Costa Saenger
Médica-Veterinária. Mestre em Geoprocessamento.

Foto: Divulgação

DONA CECÍLIA MENDES:

DOCES MEMÓRIAS DA MATRIARCA DO CACHOEIRA

Gomercindo Rodrigues

Dona Cecília Mendes era a matriarca da família Mendes e de todo o pessoal do Seringal Cachoeira. Em sua casa simples e limpíssima, com tudo brilhando, no coração da Reserva Extrativista Chico Mendes, o tempo todo tinha gente entrando e saindo em busca de causos, histórias, bênçãos e conselhos.

Embora fosse de madeira, com assoalho de tábuas, a casa dela era quente, porque foi construída com telhas de fibrocimento, que favorecem o calor. Ela dizia que, à época, não foi possível encontrar uma árvore de cedro para tirar o cavaco para a cobertura, por isso o telhado foi feito com as telhas que vieram da cidade e fizeram a sua casa ficar muito quente.

Mesmo assim, era ali que dona Cecília recebia as visitas no Cachoeira, sempre com um sorriso no rosto *"envelhecido de tanta luta"*, e todo mundo que passou por lá se encantou com sua vitalidade, sua simpatia e sua alegria. Do alto de seus metro e meio de altura, aquele doce de pessoa era a melhor imagem da receptividade dos seringueiros.

Cecília Teixeira do Nascimento nasceu num local bem próximo a Xapuri, no *"Sumaré"*, entre a cidade e o que é hoje a BR 317, no dia 1º de janeiro de 1926. Ficou pouco tempo lá, mudando-se para o Seringal Porto Rico quando tinha 11 anos de idade.

Aos 15, casou-se com Joaquim Mendes, o Seu Quinca, tio de Chico Mendes. De 16 para 17 anos, teve a primeira filha e daí não mais parou de parir. Teve 19 filhos, dos quais 18 foram criados no peito – uma nasceu morta –, sempre dentro do seringal, "sem assistência de nada", sem nunca ter tido qualquer tipo de atendimento médico.

À Colocação Fazendinha, no Seringal Cachoeira, dona Cecília chegou no dia 3 de maio de 1969, grávida do seu último filho. Ela sempre lembrava com saudades do tempo em que chegou à Fazendinha: *"Isto aqui era uma animação só. Era uma alegria só, com muita diversão, apesar de todas as dificuldades"*. Mas, segundo dona Cecília, do ano de 1975 em diante, o Cachoeira viveu tempos de muito sofrimento, *"foi quando começou a ter ameaça, aí não prestou mais"*, ela costumava dizer, referindo-se à chegada dos fazendeiros para desmatar as florestas e fazer pastos para a criação de gado na região.

Em entrevista à Biblioteca da Floresta, localizada em Rio Branco, no Acre, dona Cecília deixou gravada a extensão do seu sofrimento, que era o sofrimento do seu povo: *"Eles pintavam e bordavam com a gente. Tomavam as colocações, metiam fogo na casa e derrubavam a mata"*.

Dona Cecília registrou também um pouco de sua parceria com o sobrinho Chico Mendes: *"O Chico fazia muita reunião na minha casa, chegava a juntar 100 homens, e eu ficava na cozinha fazendo pra esse povo a comida que ele conseguia. De três em três dias, ele trazia 50 quilos de carne"*.

Depois, com as conquistas dos seringueiros, dona Cecília falava animada do quanto o Cachoeira voltou a ser um lugar bom de se viver: *"Aqui eu conheci muito sofrimento, mas agora tem escola, tem estrada, mudou demais. Sair daqui, só pra morrer mesmo!"*

E dali ela de fato saiu poucas vezes, a primeira aos 66 anos, para tratar de uma malária. A derradeira delas foi *"para morrer mesmo"*. Depois de passar algumas semanas em uma UTI num hospital de Rio Branco, a grande mãe dos seringueiros partiu desse nosso mundo no dia 12 de junho de 2013. Ela tinha 87 anos de idade.

Gomercindo Rodrigues
Advogado. Escritor. Autor do livro "Caminhando na floresta". Editoras Edufac/Xapuri, 2009.

Fotos: Acervo Sintego

ESCOLA SEM PARTIDO, EDUCAÇÃO SEM LIBERDADE

Bia de Lima

Em 25 de novembro passado, nosso Sindicato completou seus primeiros 30 anos de vida. Sem contar os tempos de uma categoria que se organiza e luta desde os anos 1970, primeiro com as associações, depois no Centro dos Professores de Goiás, nosso histórico CPG, só como SINTEGO, são exatas três décadas de desafios, conquistas, mas sobretudo de resistência.

Essa nossa luta contínua e coletiva gerou bons resultados: conquistamos o concurso público, o Estatuto do Magistério, o Piso Salarial, já no governo Lula. Mas em nenhum momento nos foi possível baixar guarda. Aqui em Goiás, faz anos que travamos uma batalha sem trégua contra a privatização do ensino público, por meio das Organizações Sociais, as OS. São idas e vindas de constante mobilização e de uma batalha judicial sem fim.

Seguimos lutando contra as OS e os esforços de militarização das escolas públicas, gestados no governo Marconi Perillo, porque, primeiro, defendemos uma educação pública e de qualidade para todos, mas também porque a privatização da educação goiana abre caminho para a quebra de direitos e a ruptura de liberdades, cada vez mais estruturadas na tese da "Escola Sem Partido".

Nesse sentido, observamos com preocupação a escolha do teólogo colombiano Ricardo Vélez Rodriguez para ministro da Educação, porque, embora seu Curriculum o qualifique como erudito, com títulos de mestrado e doutorado, sua desconexão com as políticas democráticas de inclusão do MEC, o coloca em situação inusitada para o exercício do cargo neste nosso país tão marcado pelas desigualdades e pelas diferenças.

Em particular, o alinhamento incondicional do professor Vélez Rodriguez com o movimento pela "Escola Sem Partido" o define como defensor da falsa premissa da neutralidade nas escolas, em total desrespeito à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que, conforme nota do ex-ministro da Educação Aloizio Mercadante, publicada no site da revista Xapuri em 24/11, "atenta contra o livre exercício do magistério, a liberdade de cátedra e a pluralidade de ideias na aprendizagem".

Não é de hoje que a direita brasileira tenta proibir os professores brasileiros de cumprir seu papel pedagógico, que é o de acompanharem nossas crianças e jovens em sua jornada de aprenderem a estudar, a pensar, e de se tornarem cidadãos responsáveis e conscientes. Vivemos dias difíceis durante a ditadura militar.

Porém, o "Escola Sem Partido" vai além. Seus próceres investem na herança mais abjeta do regime militar: o culto à delação e, o que é pior, a delação de professores e professoras por seus próprios alunos. Assim, o "Escola Sem Partido" amordaça o professor e conduz o sistema educacional brasileiro para um modelo retrógado e obscurantista.

Desde o seu nascimento, em 1988, o SINTEGO nunca fugiu da luta por educação democrática e plural, com total respeito às opções dos professores em sala de aula, porque só assim é possível assegurar que nossas escolas sejam espaços republicanos, laicos e plurais de cidadania e de cultura, de respeito integral às diversidades e aos direitos humanos, abertos ao diálogo franco das ideias, sem qualquer tipo de censura.

Ao optar pela escolha de um ministro com o perfil ideológico de Vélez Rodriguez, o governo eleito confirma sua opção com o fim da defesa do Plano Nacional de Educação, aprovado como lei complementar pelo Congresso brasileiro em 2014, e também com o fim da defesa do financiamento público para a educação, condição fundamental para que os filhos da pobreza brasileira possam, pelo acesso à educação, mudar os rumos da própria economia brasileira, gerando riquezas para as gerações presentes e futuras.

Caberá então a nós continuar lutando contra a PEC 95; contra o fim do piso constitucional que vinculava as despesas fiscais para e educação; contra o desmonte do fundo social do pré-sal para a educação; contra a desarticulação do novo Fundeb, que distribui recursos para os estados e municípios, previsto para ser votado em 2019 e que é determinante para a manutenção do piso salarial dos professores.

No campo mais específico dos direitos da nossa categoria, já sabemos que a valorização e o aprimoramento da formação inicial e continuada dos professores, eixo estruturante de todas as ações necessárias para a melhoria da qualidade da educação brasileira, deixa de ser prioridade. Como também deixa de ser prioridade o fortalecimento do Pacto Nacional pela Educação e a manutenção do ENEM, que foi a grande porta de acesso dos estudantes da escola pública ao Fies, ao ProUni, às Cotas e às Universidades Públicas.

Em seu lugar, o que se anuncia é o reforço ao preconceito, o estímulo à discriminação dos diferentes, a imposição de uma ideologia única aos professores e estudantes, o incentivo às práticas de exclusão pela dificuldade de acesso e de permanência, a opção por uma "Escola Sem Partido", sem liberdade, sem vida.

Apesar do que nos espera em 2019 e nos anos seguintes, desejo a cada qual de vocês um Feliz Natal e um Ano Novo com muita saúde e muita energia para seguir lutando.

Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

SINTEGO 30 ANOS 1988 - 2018

Foto: www.agencia.ac.gov.br

RAIMUNDO MENDES DE BARROS, O RAIMUNDÃO:

UM VELHO E SÁBIO GUARDIÃO DA FLORESTA

Elson Martins

Um dia desses visitei a Reserva Extrativista Chico Mendes, para ver de perto uma experiência, digamos, "sustentável", que o conhecido Raimundo Mendes Barros, o Raimundão, desenvolve por conta própria na Comunidade Rio Branco, no Seringal Floresta.

Raimundão, primo de Chico Mendes, teve participação destacada nas lutas históricas que os seringueiros, ribeirinhos, agricultores e índios empreenderam nos anos 1970 e 1980 para manter a floresta acreana em pé.

Hoje, desenvolve várias atividades na parte que lhe coube (sua colocação tem cerca de 600 hectares) da área conquistada pelo movimento revolucionário que emergiu no Acre a partir dos anos 1970. A reserva tem 960.750 hectares, abrangendo sete municípios: Assis Brasil, Brasileia, Epitaciolândia, Capixaba, Xapuri, Sena Madureira e Rio Branco.

O valente e desprendido seringueiro, já setentão, continua empenhado em provar o que o primo assassinado em 1988 sempre defendeu: é possível viver bem na (e da) floresta sem destruí-la. Além do látex que produz para a fábrica de preservativos de Xapuri, mantém um pequeno, mas produtivo roçado com mandioca, milho, feijão e banana; o plantio de seringueiras e outras espécies valorizadas de árvores; e muitas fruteiras em volta da casa.

Raimundão se dedica também a cuidar de animais que ganha de presente, de amigos, ou que apanha em suas caminhadas pela mata. Atualmente, mantém a Mariquinha, uma veada a quem trata de "menininha" ou "filhinha" quando quer apresentá-la aos visitantes, quatro Caititus (porquinhos do mato), dois macacos zog-zog e uma dezena de jabutis.

Esses bichinhos, após um curto período de cativeiro, ficam soltos e costumam fazer longos passeios pela floresta, mas voltam para o ambiente que os acolheu, onde recebem comida farta. A Mariquinha, por exemplo, passa de dois a três dias vadiando no seu habitat, mas sempre reaparece, não sem levar um pequeno esculacho do Raimundão, ou do outro Raimundo, seu filho, que é quem melhor cuida dessa original "criação". E cuida com enternecedora intimidade.

Raimundo Filho é um notável exemplo da nova geração dos povos da floresta. Ele pretende cursar Direito na universidade, prometendo, entretanto, dar continuidade aos projetos do pai, no futuro.

Em casa já tem luz elétrica e computador, só falta a instalação do telecentro na comunidade (estão previstos 17 na Resex), que vai permitir a conexão gratuita (via Embratel) com a Internet. A ideia do Raimundão é atrair, com propósito conservacionista, mais animais para perto de casa. A técnica Edna Costa, da área ambiental do governo do Estado, esclarece que ele até pode ganhar dinheiro legal com essa atividade. No caso das espécies ameaçadas de extinção, só com o viés conservacionista.

A veada Mariquinha, por exemplo, somente poderia ser comercializada como matriz, para outros conservacionistas. Já o porquinho do mato (Caititu), pode. Raimundão até já dispõe de uma área adequada e nos convidou para vê-la. Fica junto a uma nascente com árvores enormes em volta, inclusive das espécies manitê, caxinguba e saveira, cujos frutos os porquinhos adoram.

No caminho encontramos alguns macacos zog-zog pendurados em galhos altos, que de algum modo integram a família do extrativista. Para comprovar isso, ele os chamou pelo nome e os bichinhos se aproximaram, nem tanto quanto ele gostaria, por causa das visitas. Ninguém duvide, porém, que esse seringueiro velho e sábio não acabe aproximando, mais do que possamos imaginar, homens e animais na floresta.

RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES

A Reserva Extrativista Chico Mendes é a maior do Estado, com área de 970.570 hectares, onde vivem cerca de 10 mil indivíduos. Abrange sete municípios, 46 seringais e 76 núcleos de base. Para viver na reserva, é preciso ter o perfil extrativista, ou seja, o morador e sua família devem assumir a responsabilidade de que não organizarão atividades predatórias e que suas vidas serão baseadas no extrativismo. Por ser uma reserva federal, a Resex é administrada e fiscalizada pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), originado da divisão do Ibama, em 2007. Os extrativistas estão organizados em cinco Associações Concessionárias que, junto com o ICMBio, decidem que tipo de ações podem ser aplicadas dentro da reserva. No último levantamento, feito em 2009, foram contabilizados 2.156 alunos em 89 escolas, sendo 46,4% delas de gestão municipal. A reserva possui tanto o ensino fundamental quanto o médio, ofertado principalmente por meio do programa Asas da Florestania. Vários alunos que passaram por essas escolas da floresta já fazem curso técnico de nível médio ou superior no IFAC (Instituto Federal do Acre) e na UFAC (Universidade Federal do Acre), em Xapuri ou em Rio Branco.

Elson Martins
Jornalista

REMÉDIO DE ÍNDIO:
CIÊNCIA TESTADA NOS SABERES DA VIDA

Carol Castro

Em uma briga entre lagarto e jararaca, a cobra leva a melhor. A picada dela o deixa fraco, perto da morte. Mas ele é esperto: foge da briga e corre atrás de remédio. Mastiga umas folhas e dias depois fica forte novamente.

O índio, na espreita, acompanha todo aquele processo. Se alguém for picado por uma jararaca, ele corre em busca daquela mesma planta mastigada pelo lagarto. Primeiro, testa o remédio. Se der certo, a planta entra na lista de medicações daquela aldeia. Foi assim que, ao verem animais machucados roçando em uma árvore, os índios descobriram o poder cicatrizante do óleo de uma árvore chamada copaíba, por exemplo.

O acúmulo de conhecimento se dá ao prestar atenção nas semelhanças entre formatos e cores das plantas e as doenças que elas combatem. Por exemplo, a madeira amarela de um tipo de abútua, uma trepadeira, e a seiva amarelada da caopiá, árvore também chamada de pau-de-lacre, são usadas para curar doenças no fígado.

Os índios repararam em outros detalhes, como no látex que sai da casca de algumas árvores. Exposto ao ar, o líquido parecia um verme. Logo, aquele podia ser um bom remédio para lombriga. "As formas indígenas de classificar remédios naturais são sofisticadas", diz Maria Luiza Garnela, médica e antropóloga da Fundação Oswaldo Cruz na Amazônia. "Envolvem cheiros, identificação de resinas e semelhanças e diferenças entre plantas".

Claro que nem toda semelhança dava certo. Esther Jean Langdon, professora de antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina e especialista em saúde indígena, diz que era assim que se aprendia. "Eles observam o que funciona. Fazem essa comparação com a natureza, mas testam para saber se dá certo", explica. "É nesse sentido que eles têm uma ciência, não com experimentos em laboratórios, mas na vida".

A enfermeira Patrícia Rech, professora de saúde indígena na Universidade Federal de São Paulo, viveu no Parque do Xingu, em Mato Grosso, por cinco anos. Ela presenciou um exemplo disso. Certa vez, acompanhou um parto problemático. A placenta não saía, seria preciso aumentar as contrações. Mas não havia nenhum medicamento, e a farmácia mais próxima ficava a horas de distância. Assim que souberam do problema, as mulheres da aldeia correram mata adentro. Voltaram com um punhado de plantas nas mãos. Amassaram as folhas e deram o sumo para a paciente. Em meia hora, a placenta, enfim, saiu. Sem a ajuda de nada mais.

NA SUA GAVETA. E ALÉM

Olhar para a ciência indígena pode ser o caminho mais curto para a produção de novos medicamentos. "Quando se parte de um conhecimento tradicional, usualmente, encurta-se pela metade o tempo necessário para fabricar um novo remédio", diz o médico Clayton Coelho, que atua no projeto Xingu, da Unifesp.

Uma pesquisa da Universidade da Paraíba analisou 23 especiarias usadas popularmente como remédios antimicrobianos. Depois de avaliar os efeitos, 40% das plantas tiveram suas propriedades comprovadas. Isso porque nenhum conhecimento surge do nada, sem qualquer embasamento.

É por isso que os cientistas não descartam medicamentos indígenas. E não estamos falando de tratamentos fitoterápicos, que estão no balaio dos tratamentos alternativos. Megahits das farmácias e *blockbusters* das receitas médicas têm herança popular.

É o caso da aspirina, que saiu da casca do salgueiro. Na Europa, o médico Hipócrates já receitava o chá com a casca e folhas da árvore para amenizar febres e dores de cabeça. Os índios americanos a utilizavam para o mesmo fim (e para muito mais: reumatismo, calafrios e dores musculares). Para transformar salgueiro em aspirina, a ciência isolou o ácido salicílico, aprendeu a sintetizá-lo e transformou a droga no analgésico mais popular do mundo.

Já o jaborandi, árvore típica das regiões Norte e Nordeste, oferece os colírios de pilocarpina, que os índios usam há séculos para estimular a produção de suor. Por muito tempo, os médicos brasileiros (e alguns europeus) indicaram o remédio com o mesmo objetivo. Mais tarde, a ciência descobriu um efeito mais poderoso da pilocarpina: ela também funciona no tratamento de glaucoma.

Já remédios químicos que tratam arritmia e insuficiência cardíaca devem sua vida a uma planta ornamental de flores em forma de sininhos, a dedaleira. O chá dessa planta era feito pelos índios nativos dos Estados Unidos para um distúrbio na circulação do sangue que causa insuficiência do coração.

A lista é longa e se estende a outros continentes. Pesquisadores da Universidade do Sul da Califórnia tentam aproveitar os conhecimentos das parteiras africanas. Elas usam o chá de uma erva de flores violetas, a *Oldenlandia affinis*, para aumentar as contrações uterinas. E dá certo. Não à toa, os cientistas estudam modos de viabilizar a produção de remédios com kalata B1, composto proteico da planta.

O próximo passo é encontrar na natureza possibilidades de cura para nada menos que o câncer. Pesquisadores da Unicamp isolaram e sintetizaram componentes do óleo da copaíba, aquela dos poderes cicatrizantes citada no começo da reportagem. Deixaram os compostos em contato com células cancerígenas de vários tipos (ovário, próstata, rins, cólon, pulmão, mama, melanoma e leucemia). "Mostrou potencial como anticancerígeno", diz o químico Paulo Imamura, orientador da pesquisa.

Infelizmente, a ideia não saiu do papel, por falta de tempo e dinheiro. "Seria necessária uma longa pesquisa sobre como preparar em grande escala", completa. Nos EUA, outros pesquisadores estudam a eficácia do melão-de-são-caetano, muito usado contra doenças de pele. Apesar do nome, trata-se de um cipó. E agora, com testes em ratos, o estudo comprovou que o extrato da planta realmente ajuda a reduzir sinais de tumor.

Não se trata de uma via de mão única. Há – e sempre houve – intercâmbio de informações, mesmo que desfavorável à cultura indígena. Índios pernambucanos fazem, hoje, ritual de cura com aspirina na lista de remédios. Práticas tradicionais perdem espaço para a medicina moderna. Mas elas se adaptam. Como em Santa Catarina, onde o povo Kaingang, de Chapecó, rebatizou uma espécie de artemísia que tem efeitos antifebris. Deram a ela o nome de novalgina.

Carol Castro
Jornalista.
Excerto de matéria publicada no site da revista Superinteressante.

Fonte: https://super.abril.com.br/saude/remedio-de-indio/

Sind Saúde DF
Minha luta, meu orgulho!

A URGÊNCIA DO PAZ E BEM DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Leonardo Boff

No nosso país, dentro de um ambiente de muito ódio, destruição de biografias e mentiras de todo tipo, vale recorrer ao espírito de São Francisco de Assis, à sua famosa oração pela paz e à sua saudação de Paz e Bem.

Era um ser que havia purificado seu coração de toda a dimensão de sombra, tornando-se "o coração universal... porque para ele qualquer criatura era uma irmã, unida a ela por laços de carinho", como escreveu o Papa Francisco em sua encíclica ecológica (n.10 e 11). Por onde quer que passasse, saudava as pessoas com o seu Paz e Bem", saudação que ficou na história especialmente dos frades que começam suas cartas desejando Paz e Bem.

São Francisco optou por viver o evangelho puro, ao pé da letra, na mais radical pobreza, numa simplicidade quase ingênua, numa humildade que o colocava junto à Terra, no nível dos mais desprezados da sociedade^, vivendo entre os hansenianos e comendo com eles da mesma escudela.

A despeito de todas as pressões de Roma e as internas dos próprios confrades que queriam conventos e regras nunca renunciou ao eu sonho de seguir radicalmente o Jesus pobre, junto com os mais pobres.

A humildade ilimitada e a pobreza radical lhe permitiram uma experiência que vem ao encontro de nossas indagações: é possível resgatar o cuidado e o respeito para com a natureza? É possível uma sociedade sem ódios que inclua a todos, como ele o fez: com o sultão do Egito que encontrou na cruzada, com o bando de salteadores, como lobo feroz de Gúbbio e até com a irmã morte?

Francisco mostrou esta possibilidade e sua realização. Ao fazer-se radicalmente humilde. Colocou-se no mesmo chão (húmus=humildade) e ao pé de cada criatura, considerando-a sua irmã. Inaugurou uma fraternidade sem fronteiras: para baixo com os últimos, para os lados com os demais semelhantes, independente se eram Papas ou servos da gleba, para cima com o sol, a lua e as estrelas, filhos e filhas do mesmo Pai bom.

A pobreza e a humildade assim praticadas não têm nada de beatice. Supõem algo prévio: o respeito ilimitado diante de cada ser. Cheio de devoção, tirava a minhoca do caminho para não ser pisada, enfaixava um galhinho quebrado para que se recuperasse, alimentava no inverno as abelhas que esvoaçam por aí, famintas.

Não negou o húmus original e as raízes obscuras de onde todos viemos. Ao renunciar a qualquer posse de bens ou de interesses, ia ao encontro dos outros com as mãos vazias e o coração puro, oferecendo-lhes apenas a Paz e o Bem, a cortesia e o amor cheio de ternura.

A comunidade de paz universal surge quando nos colocamos com grande humildade no seio da criação, respeitando todas as formas de vida e cada um dos seres, pois todos possuem um valor em si mesmos, antes de qualquer uso humano. Essa comunidade cósmica, fundada no respeito ilimitado, constitui o pressuposto necessário para fraternidade humana, hoje abalada pelo ódio e pela discriminação dos mais vulneráveis de nosso país.

Sem esse respeito e essa fraternidade, dificilmente a Constituição e a Declaração dos Direitos Humanos terão eficácia. Haverá sempre violações, por razões étnicas, de gênero, de religião e outras.

Este espírito de paz e fraternidade poderá animar nossa preocupação ecológica de salvaguarda de cada espécie, de cada animal ou planta, pois são nossos irmãos e irmãs. Sem a fraternidade real nunca chegaremos a formar a família humana que habita a "irmã e Mãe Terra", nossa Casa Comum, com cuidado.

Essa fraternidade de paz é realizável. Todos somos sapiens e demens, mas podemos fazer com que o sapiens em nós humanize nossa sociedade dividida que deverá repetir: "onde há ódio que eu leve o amor".

Leonardo Boff
Filósofo. Teólogo. Escritor.
Excerto do livro Saber Cuidar. 18ª Edição. Editora Vozes. 2012.

SEJAMOS **RESISTÊNCIA**

O mês de dezembro de 2018 marca os 30 anos sem Chico Mendes e 50 anos da edição do Ato Institucional nº 5 – momento que marcou o recrudescimento do regime militar instalado no Brasil em 1964. Que a chegada de 2019 nos inspire a lutar contra os desmontes da educação pública, a favor de um futuro melhor.

- **Pela revogação da Emenda Constitucional nº 95/2016, que congela os recursos da educação pública**
- **Pela revogação da Reforma do Ensino Médio, que mercantiliza e fomenta a privatização da educação**
- **Pelo fim da Lei da Mordaça, que pretende impor a censura nas escolas**
- **Por uma educação pública, gratuita, laica e socialmente referenciada**
- **Por uma escola plural, livre e democrática**
- **Pelo resgate e respeito ao papel das educadoras e educadores desse país**

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br
Brasil
Filiada à CUT BRASIL
Internacional da Educação
CEA
FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

Frison

Foto: Izalete Tavares

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **150**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **250**,00 24 EDIÇÕES (BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

ASSINE JÁ! **WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**